nara roesler

jac leirner



4 introdução
16 começo
19 to and from
22 pulmão
30 todos os cem
43 corpus delicti
52 junkie
63 foi um prazer
66 nomes, sacolas e void
73 adesivos
77 little light
81 hip hop
85 pesos e medidas
90 outras formas

jac leirner

n. 1961, São Paulo, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Através da sua aproximação pós-conceitual ao fazer artístico, o trabalho de Jac Leirner parte de uma habilidade magistral na articulação de objetos específicos, coleções e arquivos. Trata-se do acúmulo de lembranças, coisas deslocadas de seus contextos originais. Aqui, as funções simbólicas desses objetos ganham novas dinâmicas. Seu trabalho organiza vícios, utensílios e ferramentas, papéis oficiais, invólucros e parafernália de museus de acordo com lógicas internas desses materiais.

Seriação, modulação e padronização são métodos que assumem esses objetos como matrizes construtivas de linguagem. Jac tem como princípio a apresentação de coisas, onde a textura material da vida cotidiana ganha um novo corpo que assume a aura da arte.

capa vista da exposição *Us Horizon*, 2022
Esther Schipper, Berlim. Foto: Andrea Rossetti
todas as imagens cortesia da artista e Nara Roesler

exposições individuais selecionadas
- *Jac Leirner*, The Swiss Institute, Nova York, EUA (2023)
- *Wolfgang Hahn Prize*, Ludwig Museum, Colônia, Alemanha (2019)
- *Institutional Ghost*, IMMA – Irish Museum of Modern Art, Dublin, Irlanda (2017)
- *Add It Up*, The Fruitmarket Gallery, Edimburgo, Escócia (2016)
- *Jac Leirner: Borders are drawn by hand*, Museum of Contemporary Arts of Shangai, Xangai, China (2016)
- *Functions of a Variable*, Museo Tamayo, Cidade do México, México (2014)
- *Jac Leirner,* Estação Pinacoteca, São Paulo, Brazil (2011)
- Ad Infinitum, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brazil (2002).

exposições coletivas selecionadas
- *The past, the present, the possible*, Sharjah Biennial 12, Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2015)
- 10ª Bienal do Mercosul, Mensagens de uma nova América, Porto Alegre, Brasil (2015)
- 12th Istanbul Biennial, Istambul, Turquia (2011)
- 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 7ª Bienal de la Habana, Havana, Cuba (2000)
- 47ª Biennale di Venezia, Veneza, Itália (1997)
- *Documenta IX*, Kassel, Alemanha (1992)
- 20ª Bienal Internacional de São Paulo, São Paulo, Brasil (1989)
- *Aperto 90,* Biennale di Venezia, Veneza, Itália (1990)
- *Arte e Videotexto*, XVII Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1983)

coleções selecionadas
- Art Institute of Chicago, EUA
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington, EUA
- Ludwig Museum, Colônia, Alemanha
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Espanha
- Museo Tamayo, Cidade do México, México
- Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

introdução

Ao longo de mais de quatro décadas, Jac Leirner construiu uma das produções mais singulares da arte contemporânea brasileira ao transformar objetos destinados à circulação e ao desaparecimento em estruturas de forte densidade formal e poética.

Dinheiro, sacolas de museus, cartões de visita, maços de cigarro, fitas adesivas, réguas, fios elétricos ou etiquetas industriais são retirados de seus circuitos cotidianos e reorganizados segundo operações de acúmulo, ordenação e repetição. A artista assume suas marcas de uso, fazendo com que cada objeto continue carregando consigo vestígios do mundo de onde veio, atribuindo-lhes outras intenções.



Jac Leirner, 1986, com o esboço de *Os Cem*, feita de notas bancárias
Foto: Romulo Fialdini



Sua obra estabelece um diálogo contínuo tanto com a tradição construtiva brasileira e europeia, quanto com procedimentos do minimalismo, da arte conceitual e da pop art. Em Jac Leirner, contudo, rigor formal e precariedade material permanecem inseparáveis: linhas geométricas são feitas de resíduos, grades surgem de objetos descartáveis e sistemas construtivos convivem com elementos frágeis, banais e efêmeros.

Para o crítico britânico Guy Brett, um dos principais interlocutores internacionais da arte brasileira no século XX, “Jac Leirner propõe uma nova definição da poética, um tipo de intervenção que modifica os padrões de espaço e tempo em que nós, e os objetos, nos movemos. Uma nova maneira pela qual a vida pode vitalizar a arte ou a arte revelar a vida”.

vista da exposição *Jac Leirner*,
Estação Pinacoteca, 2011
São Paulo, Brasil

→
vista da exposição *Jac Leirner*,
Estação Pinacoteca, 2011
São Paulo, Brasil
foto: Eduardo Ortega





vista da exposição
Functions of a Variable, 2014
Museo Tamayo, Cidade do México,
México



vista da exposição
Functions of a Variable, 2014
Museo Tamayo, Cidade do México,
México



vista da exposição *Jac Leirner*, 2023
The Swiss Institute, Nova York, EUA
foto: © Daniel Pérez



vista da exposição
Institutional Ghost, 2017
IMMA – Irish Museum of Modern Art,
Dublin, Irlanda



vista da exposição *Jac Leirner: Borders are drawn by hand*, 2016
Museum of Contemporary Arts of Shangai, Xangai, China



vista da exposição Wolfgang Hahn Prize, 2019, Ludwig Museum, Colônia, Alemanha



vista da exposição *Latin America Artists of the XX Century*, 1993
MoMA – The Museum of Modern Art, Nova York, EUA



Corpus delicti, Centre d'Art Contemporain, Genebra, 1993



Names, Ikon Gallery, 1990

começo

Nas primeiras obras de Jac, muitos dos procedimentos que mais tarde seriam desenvolvidos por meio de objetos cotidianos já se encontravam em formação. Intervenções em processos gráficos e aquarelas do início dos anos 1980 já revelavam a construção de sistema visuais. Suas aquarelas se constroem através de sistemas rigorosos de controle tonal e ordenação, enquanto pinturas do início dos anos 1980 exploram relações entre desenho, cor e estrutura em composições reduzidas a poucos elementos.

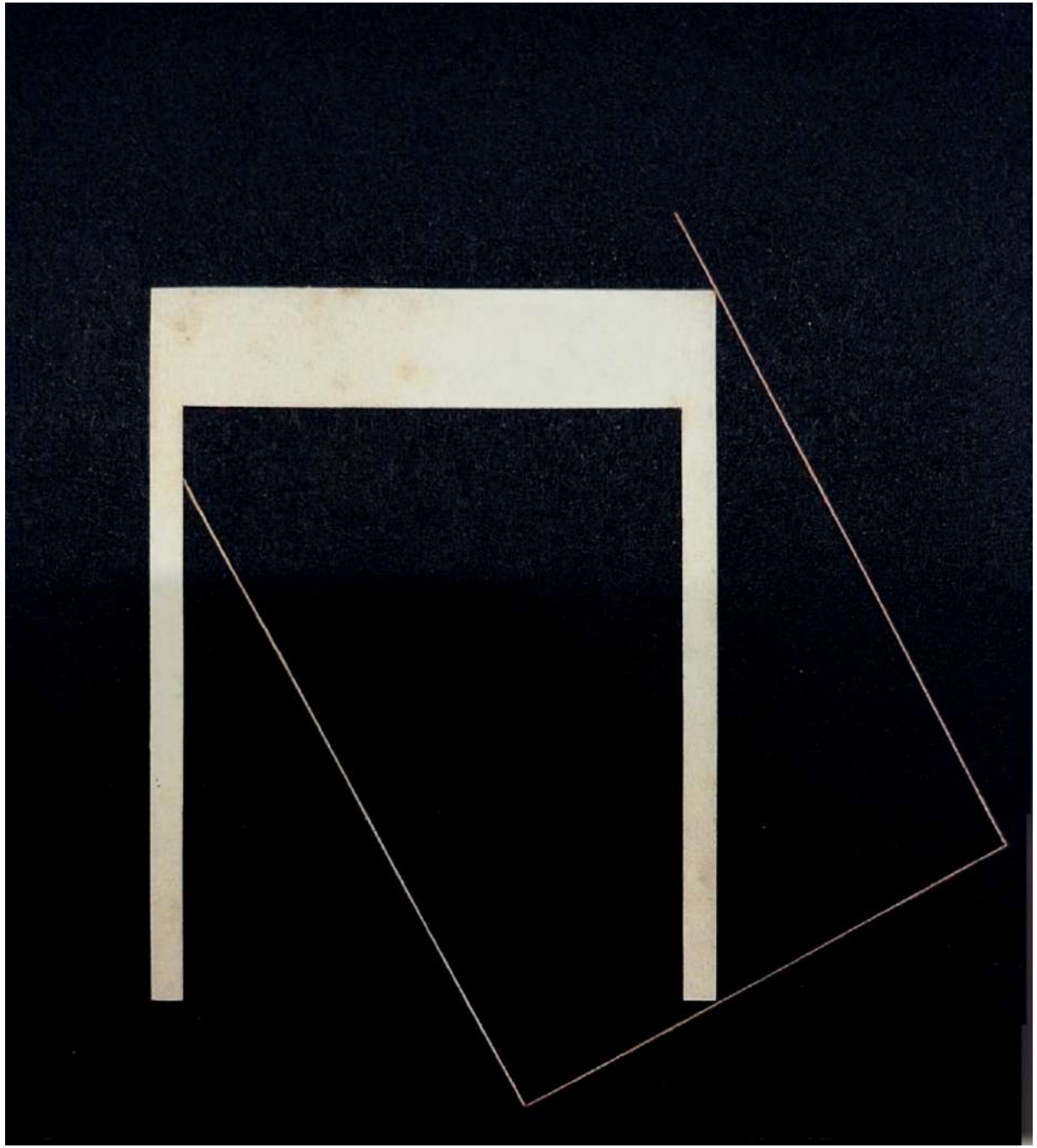
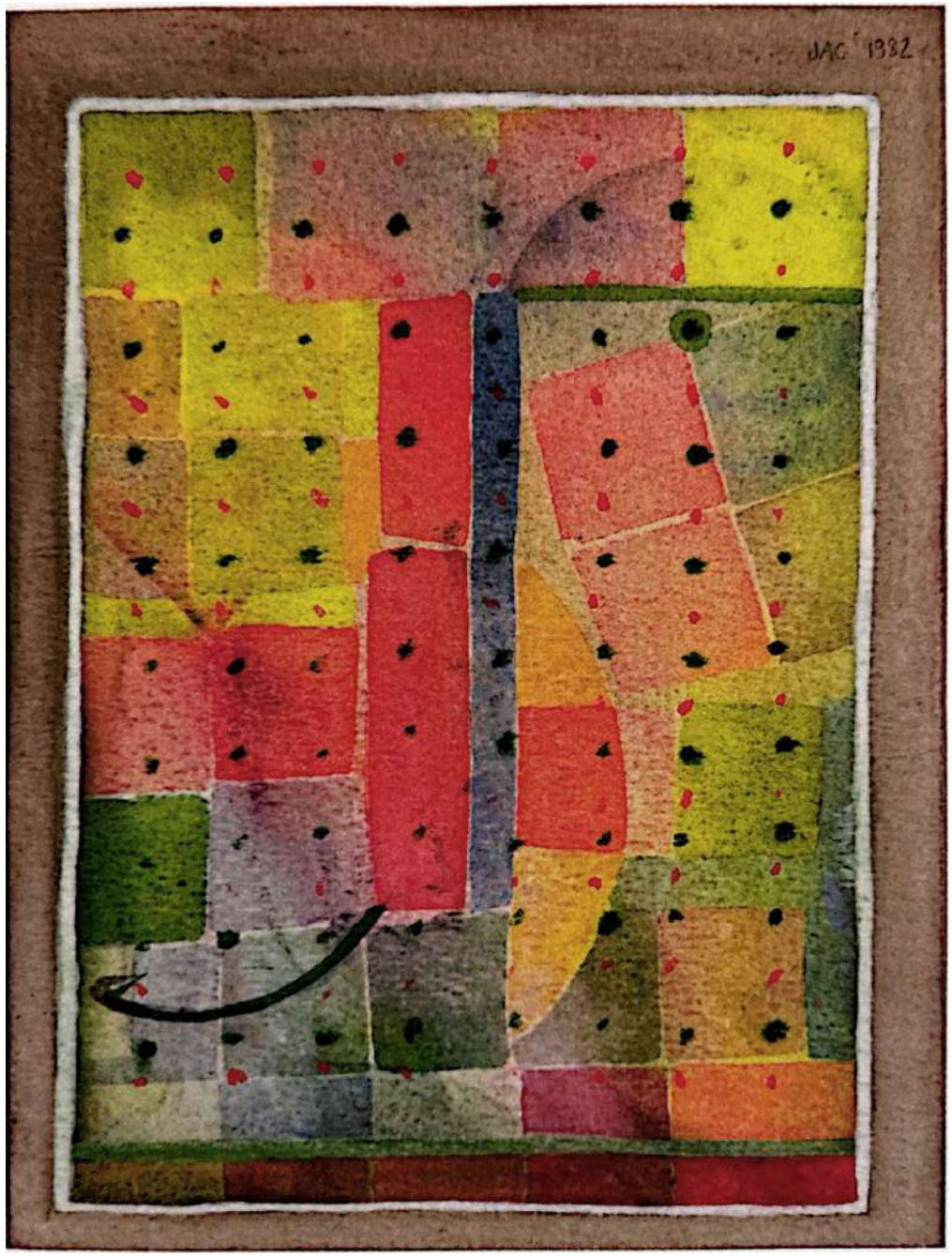
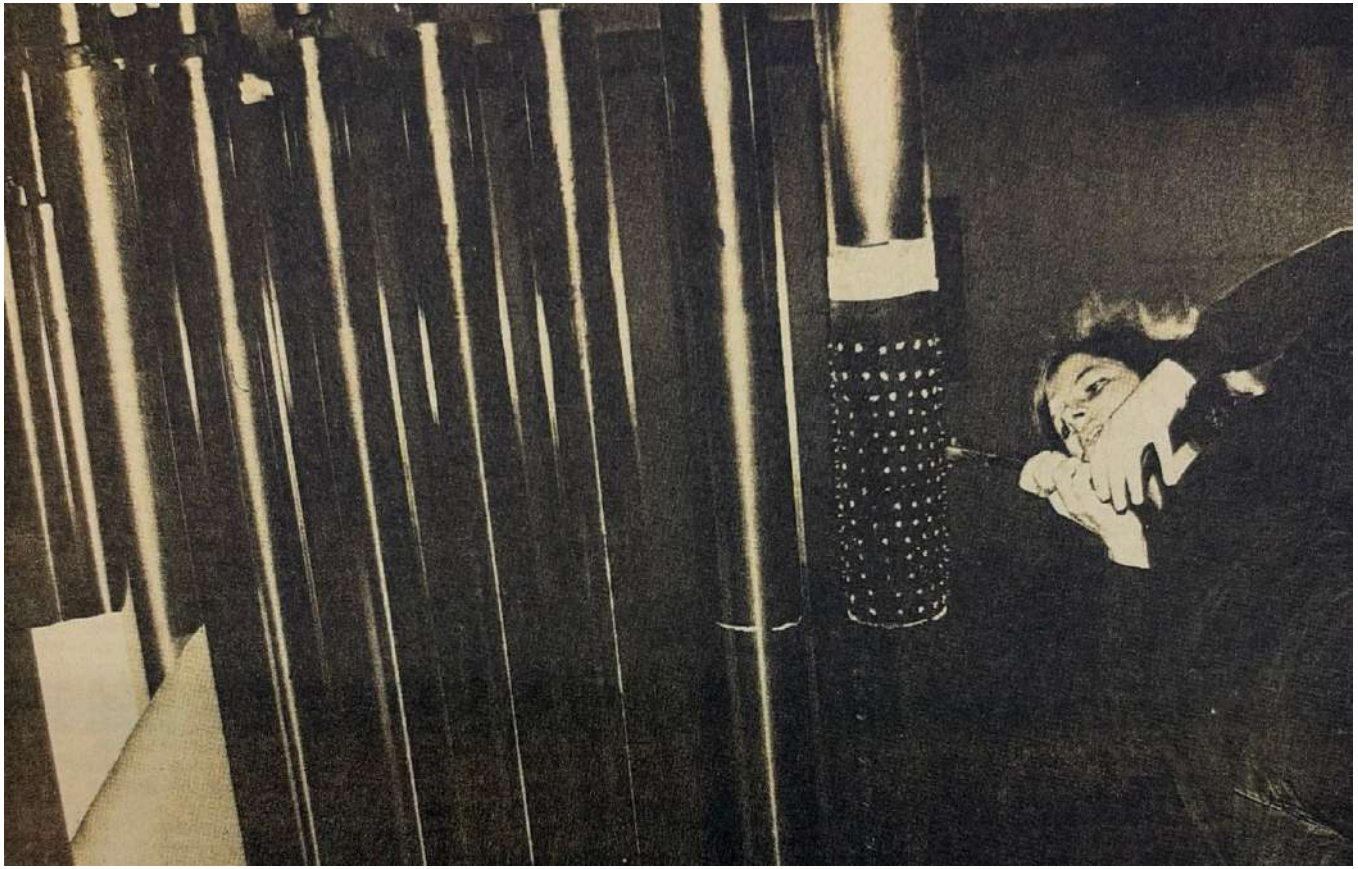


Imagem objetual, 1982
37 x 34 cm



Sem título, 1982
aquarela sobre papel
22 x 16 cm



Em *Furos* (1989), Jac Leirner desloca sua atenção para a infraestrutura material da imprensa. Realizada a partir de uma intervenção no processo de impressão do Jornal da Tarde, a obra carrega pequenas perfurações nas páginas do periódico paulista. Explorando o duplo sentido da palavra “furo” — simultaneamente buraco e notícia exclusiva —, a artista faz com que o suporte da informação se torne ele próprio o conteúdo da obra, revelando mecanismos normalmente invisíveis da circulação jornalística.

Jac Leirner fixando pregos em rolos de impressora, Jornal da Tarde, 27 de maio de 1989

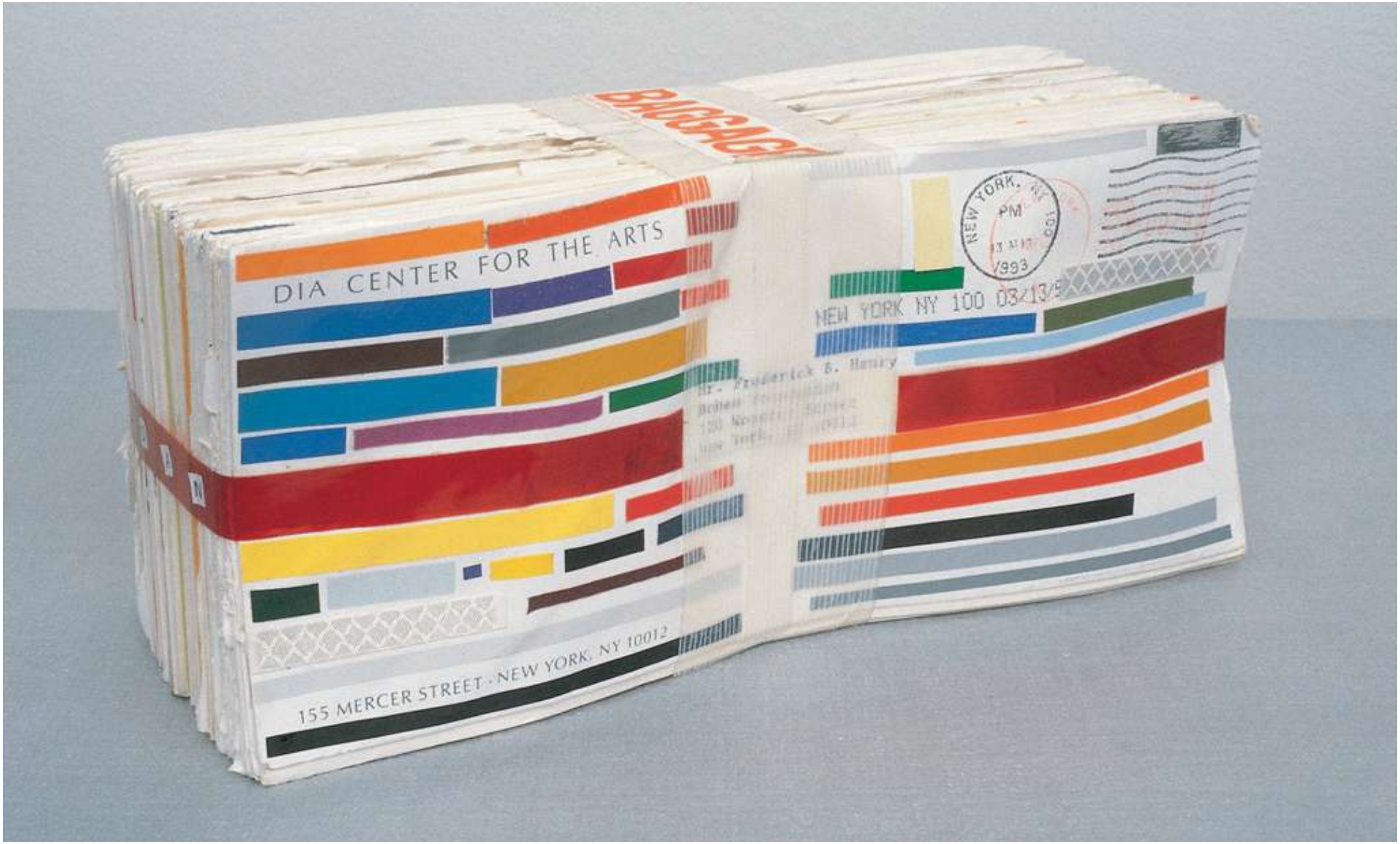
to and from

A série *To and From*, iniciada em 1991 durante a residência de Jac Leirner no MOMA Oxford à convite do British Council, feita de envelopes da correspondência entre o museu e outras instituições. Com estruturas de cabo de aço, os envelopes se organizam linearmente a partir de seus formatos, materiais e cores, evidenciando suas marcas de uso, carimbos, dobras e trajetórias.

Distante de destacar o conteúdo das correspondências, a série volta-se para os próprios suportes da circulação cotidiana de seus circuítos para inserí-los em outro, o da arte.
Os envelopes aparecem como vestígios materiais de redes de comunicação, trocas institucionais e deslocamentos físicos, preservando sinais de percursos já concluídos.



To and From (MoMA Oxford), 1991
Envelopes de papel, acrílico
e corda de poliuretano
43,5 cm x 281,9 cm x 32,4 cm



To and from (Bohen), 1998
Envelopes, adesivos, fitas adesivas
11 x 23,5 x 8,5 cm
Coleção Bohen Foundation



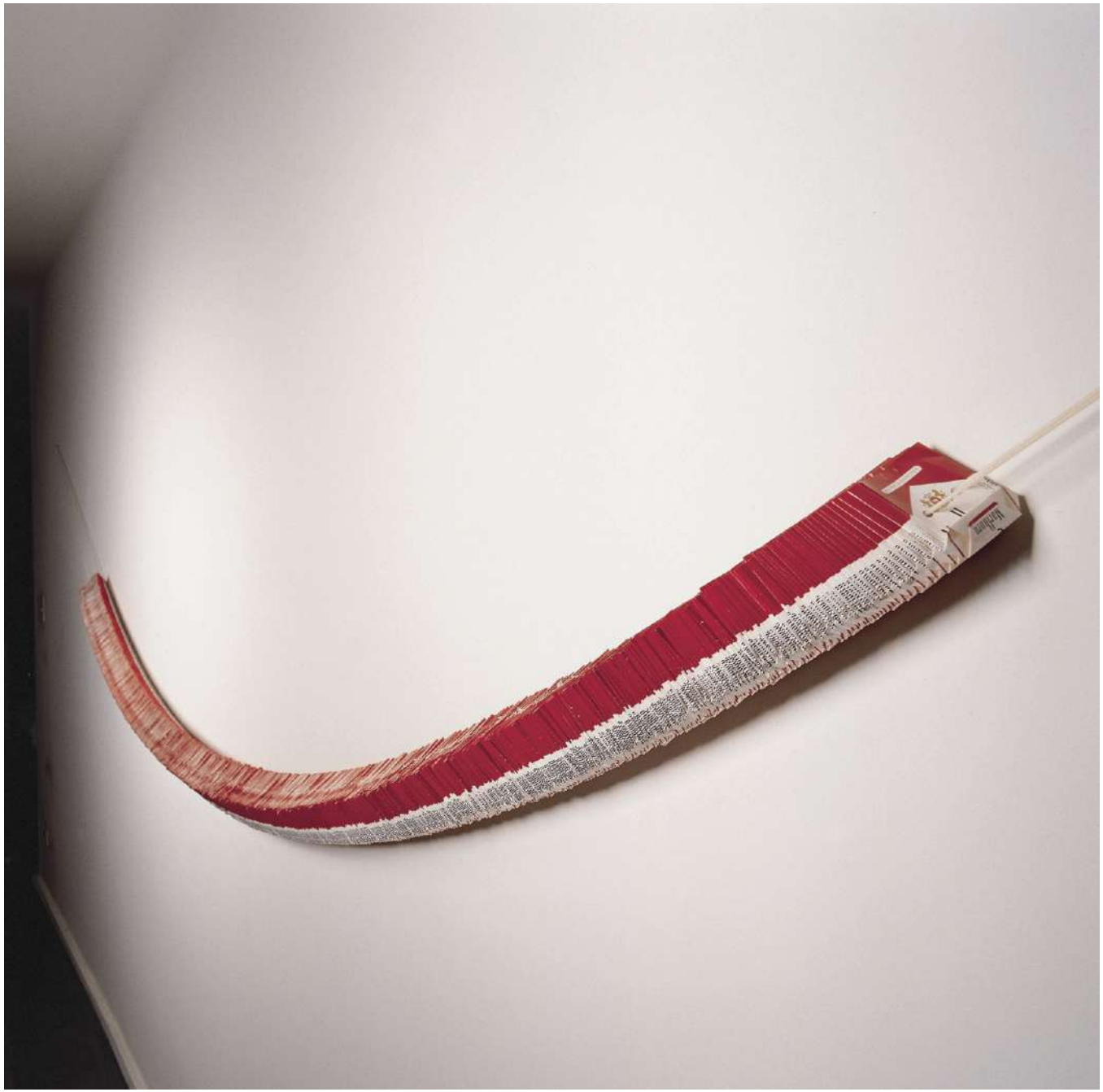
To and from (Walker), 1991
Envelopes, aço, acrílico
48 x 377 x 34 cm
Col. Art Gallery of Ontario



pulmão

No conjunto de trabalhos da série *Pulmão*, objetos ligados às diferentes etapas do ato de fumar adquirem corpo escultórico. Maços de cigarro, selos de precificação, embalagens e imagens radiográficas do próprio pulmão da artista são acumulados, classificados e reorganizados em estruturas rigorosas.

Pulmão, 1987
Maços de cigarro Malboro
vincados com estrutura
de cordão de poliuretano
Crédito: MOMA NY.
David Rockefeller Fund for
Latin-American Art and Brazil Fund



Pulmão (plumária), 1987
Marlboro pendurados em
um cordão de aço.
440 cm x 480 cm
Crédito: MOMA NY
David Rockefeller Fund for
Latin-American Art and Brazil Fund



Pulmão (múltiplo), 1987
papel celofane montado
em caixa de acrílico
edição de 60
22 x 9 x 6 cm

Ao mobilizar procedimentos de repetição, serialidade e ordenação, a artista aproxima-se de questões formuladas pelo minimalismo. Ao mesmo tempo, a presença de materiais diretamente vinculados à experiência cotidiana coloca a série em um campo de interlocução que passa tanto pelas operações de apropriação associadas a Marcel Duchamp quanto pela tradição construtiva brasileira, na qual rigor formal e experiência sensível frequentemente se articulam.



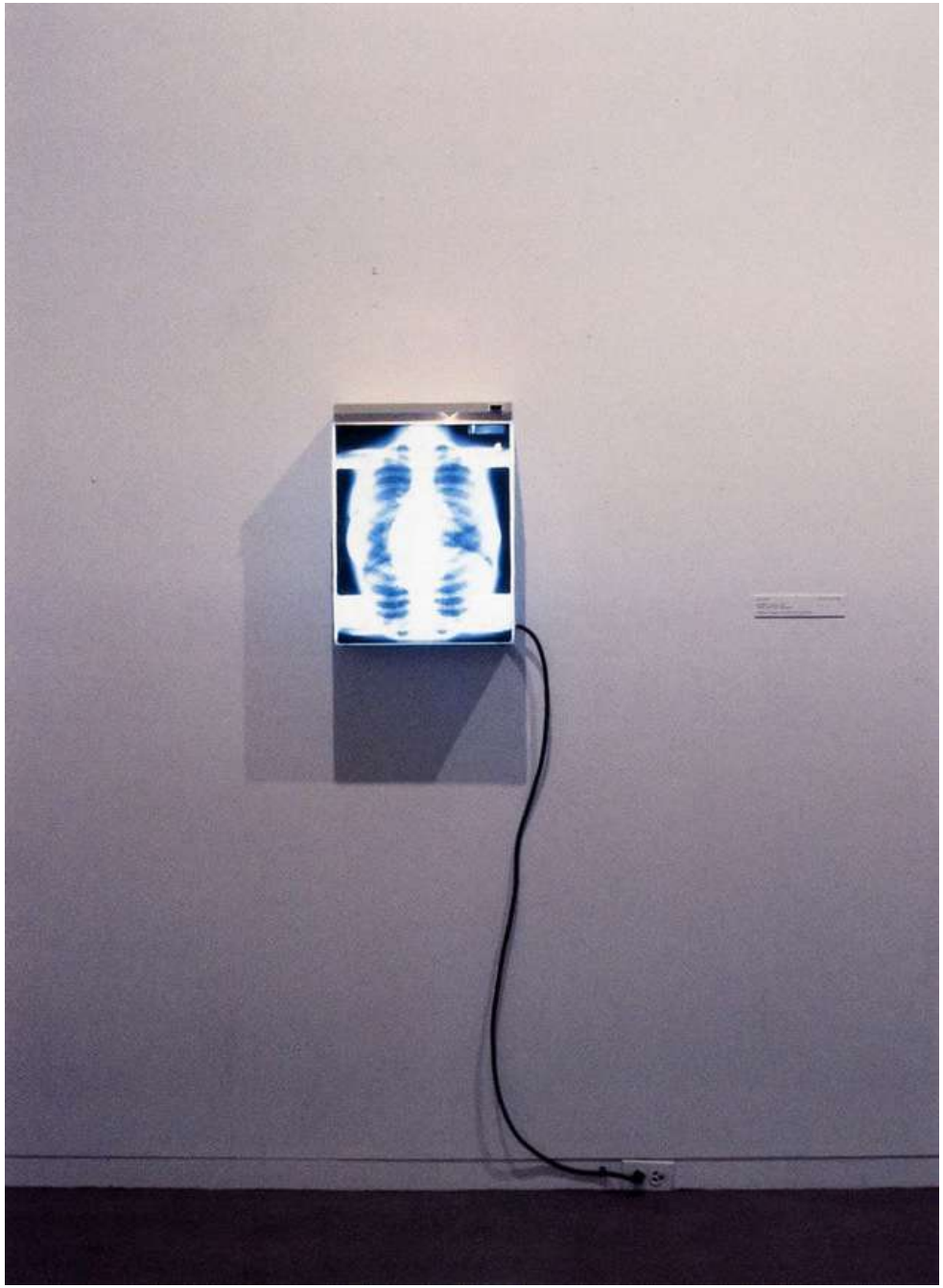
Pulmão (economia inflacionária II), 1987
selos sobre fitas
de entretela costuradas
120 x 40 x 40 cm



Pulmão, 1987
Papéis laminados
costurados
132 x 12 x 24 cm

→
detalhe da obra





Pulmão, 1987
caixa de luz com chapas
fotográficas de raio-x invertidas
48 x 38,5 cm x 18 cm



Pulmão (vegetal mineral), 1987
pilha de papeis laminados
20 x 17 x 14 cm
foto: Eduardo Ortega

todos os cem

Séries como *Os Cem*, *Fantasma*, *Todos os Cem* e *Fase Azul* surgem em meio ao contexto de hiperinflação que marcou o Brasil nas décadas de 1980 e 1990, período caracterizado pela rápida desvalorização da moeda, sucessivas trocas de padrões monetários e pela convivência cotidiana com índices inflacionários elevados. Nesse cenário, notas de baixo valor circulavam intensamente e com frequência perdiam seu poder de compra em semanas, tornando visível a fragilidade do próprio sistema monetário e a distância crescente entre o valor inscrito na cédula e seu valor efetivo na vida cotidiana.



Fase azul, 1991
8 x 310 x 15 cm
Col. Helft, Buenos Aires



Dos milhares de cédulas, boa porcentagem carregava inscrições e interferências feitas por anônimos. Estas eram separadas pela artista e organizadas em estruturas geométricas, faixas, rolos e composições murais. Ao fazê-lo, deslocava o dinheiro de sua função imediata de troca para observá-lo como objeto material e documento de circulação.

Os Cem (Quadro e Moldura), 1987
97 x 135 cm
foto: Edouard Fraipont





Quando afirma que as notas não metaforizam a economia, mas figuram como “a própria economia”, Leirner sugere que elas deixam de funcionar como representação abstrata da moeda para tornar visíveis os mecanismos concretos de produção, circulação, desgaste e atribuição de valor que estruturam a vida econômica cotidiana.

Os Cem (pornografia), 1987
Papel moeda e entretela
60 x 60 cm
© Rômulo Fialdini



Os Cem (Roda), 1985-1987
Notas brasileiras e aço inoxidável
3 × 26 pol | 7,6 × 66 cm



Os cem, 1986
Cédulas perfuradas
por fio de poliuretano
300 x 15 x 7 cm
Coleção l'Huillier, Genebra
© Rômulo Fialdini



vista da exposição
Functions of a Variable, 2014
Museo Tamayo, Cidade do México,
México

Fantasma, realizada no início dos anos 1990, repete a forma de *Os Cem*, mas substitui as cédulas por papel branco com as mesmas dimensões. O desaparecimento do dinheiro transforma a estrutura em vestígio e ausência, como se restasse apenas a memória material do sistema de circulação monetária.



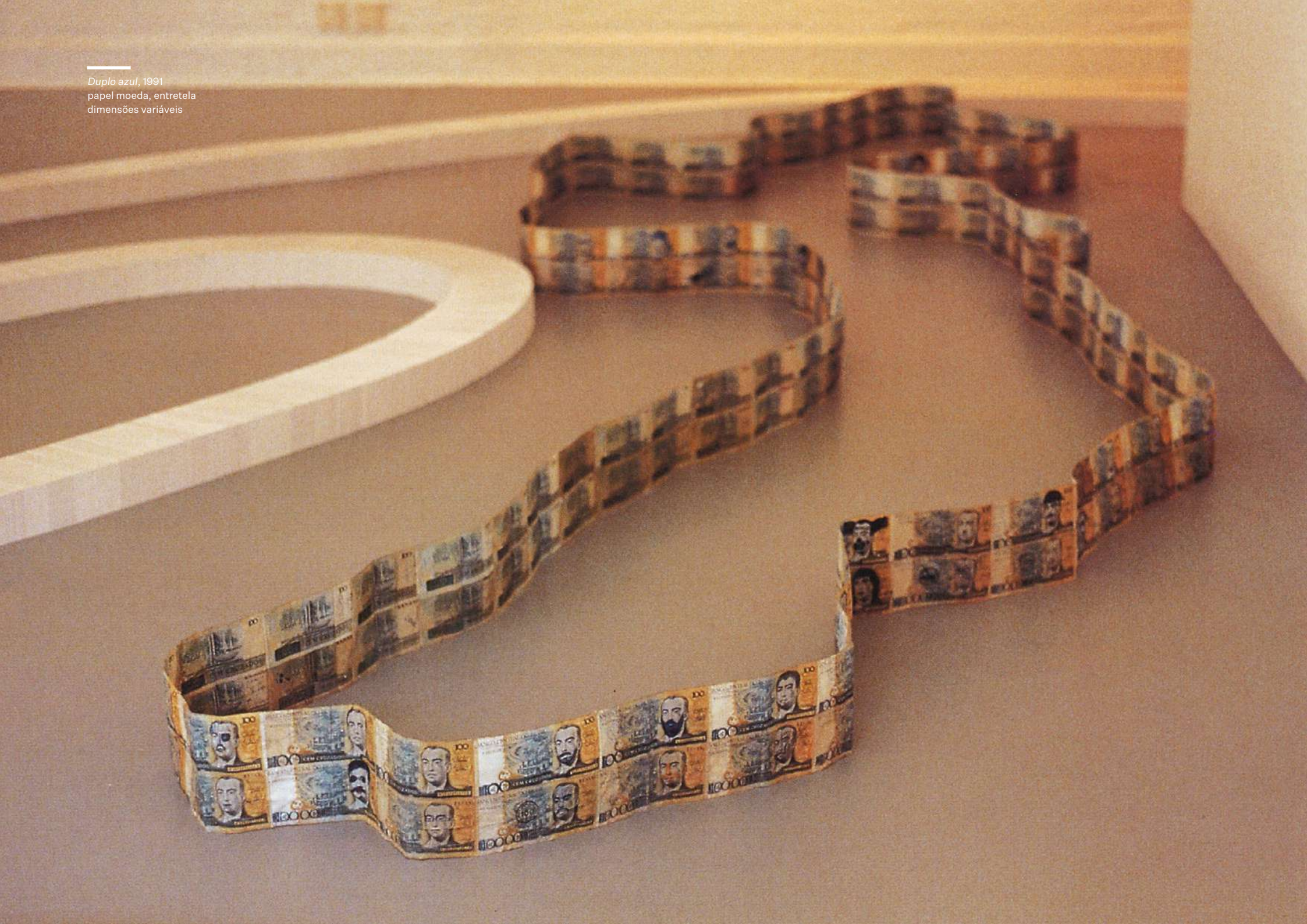
Fantasma, 1991
papel e cordão de poliuretano
dimensões variáveis
vista da exposição Transmission,
Roseeum Center for Contemporary
Art, Malmö, 1991



Fantasma / Ghost, 1998
papel adesivo e cabo de aço
7,5 x 15 x 480 cm



Viewpoints: Jac Leirner.
Walker Art Center,
Minneapolis, 1991-1992



Duplo azul, 1991
papel moeda, entretela
dimensões variáveis



O livro (dos cem), 1987
Texto impresso em offset
Edição de 1000
64,5 cm x 55 cm

série e jogue na loto. Boa sorte, DVV um amigo. Esta nota não vale mais do que cem. Cem 100. Ordem e progresso. Quem este dinheiro pegar vai ter muito
Paulo. Santo santo santo. Chana preta chana pelada. Quem pegar esta nota ponha no nariz e cheire. 13. Daniele Daniele Daniele Danilel. Duque de bana
raveco. Vire a nota e verás uma mulher de gelo; que pena você demorou e ela derreteu. Lourdes Tânia. O cruzeiro virou cruzado e se não der certo virá o
e. Tia Pituca lembre-se do totó forever; para você brincar na banheira sem se esquecer de mim. O enfeite de uma mesa é um jarro e uma colher; o enfeite
umano! Litrosfera alumínio magnésio níquel e ferro. Dinheiro não traz felicidade mas ajuda. Pafúncio e Joana. 1.11.85 Mad Max Eldorado. Tu sabes o qu
minho do grande buraco. Seja ladrão o governo garante. Bucetão de Arujá. São João rei da fortuna. O cachorro é amigo do homem por que? não conhece
ita! 1 dolar. Transas e caretas. Favor não escrever nas notas do banco central do Brasil. Guaianazes. Luza você é feia. Jovens, o mundo depende de nós hoje
pinhão quem votou nele, ele é um pinguso. Com esse tustão você não precisa mais comprar fiado, OK? Eu vi uma casa velha na beira do rio era uma brio
ocê é triste lembre-se que alguém é feliz porque você existe OK, só que essa pessoa não sou pois eu nem te conheço. Delfim ladrão. P.I.N.T.O. Dinheiro ives
Eli. Eu hein. 1985, Deicom e Márcia eu te amo. Maci Banana. A simpatia de ficar milionário você pega uma nota de cem cruzeiros e dá pro seu namorado
Como é bom se bom; mas ser melhor é bem melhor. Deise eu gosto de chupar buceta; eu quero comer uma buceta. Família reunida: Armando Pinto, Jaci
ar esta nota deverá dar um beijo prá ganhar o triplo. Este dinheiro vai para linda querida. Você pensa que ele é cachorro mas ele não é cachorro não. Vou
com o homem? Ich dier liebe. Se dinheiro não traz felicidade, devolver e sorrir. 500 500 Floral Rosa. As novidade se confundem com dinheiro novo; tou certo
inha estrada. Lê é coisa de burro; se você tá lendo você é burro. Quem pegar é cagão. Leandro 6/9/85 estou numa aula de Ed Física Colégio S.F.X. 100 gr
o puta que pariu traidor. Aumentos nesse país sem governo sério, já virou brincadeira essa é a maior violência contra o povo. Criminosos, ladrões impune
o eu fiz esse verso. A vida é vazia não quero mais viver. Você são um pessoal legal bonita eu amo você, são exita. Este dinheiro pertence a Samuel de Andréia
sofrendo. As drogas injetáveis destroem o meu ser. Mauá São Paulo. Este 100 lhe trará uma fortuna de 100 milhos de drolar. Era puta ordinária nunca noiv
corintiano é viado. Vanesa Vanesa Vasiena Vanesa. Feliz natal e um próximo ano novo para todos que pegarem esta nota. Figueiredo fuleiro Maluf se bu
u esta nota pois você está com sorte. Pois jogue este n° L 136 m-c 343 5 MESTO 4270 73 LOTO. Cem cruzeiro não vale mais. Miriam M N eu te amo Eu t
mos com eles? Do geito que as coisas andam só mesmo mudando de figura. John Player Special. Não vire curiosa. Que tal? EU amo você. Eu quero suga
r nele não vão se dar bem. Nene e Tina lilás. Gostaria de ser seu anjo e seguir todos os seus passos mas a vida nos separou. Nil eu te amo Ass: Elza Hélio eu
GMANNVJoR. Cucucucucuculhão. Tomate tomada. MK 85 VIP 022. Dinheiro cheira mal mas todo mundo gosta desse mal cheiro. Um fim Brasil. 19-20 T
uma poesia objetiva impessoal na história de um povo. dramÁTICO: Quando notares um espaço espacial apresentado por meio de palavras e gestos um a
nto da emoção o que as torna subjetivas. Sorria e chore mas ainda tente lutar pelo aquilo que você ama. Buceta. Zé da Bota. Pica dura. Meu computador n
alho. 7 de sete. Montoro e sua quadrilha estão ali!! Fogo! Eu vou asertar na quina da loto sózinha. Natalina. A/47/57/05/55/75/A. Roque Santeiro um pr
ização. Eu love e Li você. Você vai Malufar você vai pastar. Brasileiro que puxa o saco do Malufi e do Figueiredo tem que apanhar para ter vergonha na ca
rtos. Eu te amo Quelé. Vai mas vorte. Eu estou na avó. Se você não é capaz de amar não faça ninguém sofrer. Crescimento vegetativo 3,6. Jesus muito em brev
Punk rock Anarquia. "Beto". Não usar. Só pegue neste dinheiro no dia que aí você vai ver. CEP do end em vermelho. Tim pque Steca. Eu amo você gatã
Cosmi e Daminhão vai ajuda escreva 5 e passe. Bouquet/ Se dinheiro fosse merda Brasileiro não cagava. Azarento. Que Deus nos guie Amém. Slayer-Exodu
mais cola. Porco. 7 de sete de 85. 12:7:85 Assembléia Osaco SP de Deus N Osasco. Bores cura Rosenaldo saruba Nilda bansé Rosenaldo Alves Leite. É ma
Primeira nota. Você já viu vaca voar vire; é só mandar sua mãe pular a janela seu idiota. Boca falou cú pagou. Quem pegar esta nota vai encontrar um amor
já passou. Esta nota é da Bárbara a Bárbara é bonita e quem pegar é feio Falso dinheiro. Quem pegar dinheiro. Esta nota tem dono quem pegar é viado e
ira seu babaca. Antonio 44. PARAGUAY doador de cú. Cú arregaçado e buceta arrombada é da sua irmã. Meu coração não sei porque bate feliz quando tive
pinha. Cole eu amo você Cris. Santos campeão de 85. Não pegue. Aqui jaz Alemão causa morte xulé agudo Aqui jaz Aguinaldo causa mor mulheres. A
i rougo. Jioia ndeu y cará. QI de abelha. Tudo é merda mas ainda temos sombras radiosas que fazem gestos eternos. Marlei X Ditinha. JJ iguais e contrário
a nota veio lhe trazer sorte escreve em mais 10 notas de 100 e passar esta nota tem que ser das suas mãos dentro de 4 dias, ass: LU. Caramelo Rosane?? I
orre. Olhe para o outro lado do dinheiro; é você cara feia. Maiza Salmeirão. Não sou dolar viu! Vai cuidar da sua mulher corno. Decepcione. Que número qu
ó dar coca cola para sua irmã. Galinha é a sua irmã idiota. Ignes Ignes. Nesse olhar tão triste sinto brilhar um desejo; parece uma flor se abrindo a espera
e ama louco. Não não não vem cantar. Quem pegar chama veado lazarento. Se tudo que pensei não realizam quero que não pense que fui eu o culpado de
ada entupida. Ai que cheirinho de porra catinga de buceta. Música da Tetê Spíndola você prá mim meu tesão; Eu fui dar mamãe. Quem neste dinheiro peg
Cristo salva. Vire esta nota e veja o Roberto Carlos de bicicleta; você demorou tanto que ele já passou. Gente que amo com o coração como. Enes. Your lo
ser rico; deus majuda. Cruzeiro. K-3-69.82-06 95-15 37 44. Mecão. Jacarépaguá Brasil. 44. Riki Bidis. Vera Laureano Marzanno; eu te amo. Amo você e na
rdo você me procura eu te amo. O dinheiro não traz felicidade. Mulher é como café; quando esfria ninguém quer. Você é mau. Id quero hora amor não eu



corpus delicti (1980-presente)

A série *Corpus Delicti* reúne objetos apropriados de viagens aéreas, como cinzeiros, cobertores, travesseiros, talheres, copos e cartões de embarque, reorganizados em multiplas situações. O título, expressão jurídica em latim que designa a “prova material do crime”, introduz uma dimensão irônica ao trabalho: os objetos carregam consigo o vestígio de negociações com os comissários de bordo, e pequenos furtos cometidos pela artista quando em voos comerciais. Retirados do ambiente das aeronaves, esses utensílios padronizados de cada companhia aérea passam a evidenciar os mecanismos estéticos de circulação global, convertendo experiências de trânsito e deslocamento em estruturas escultóricas.

Corpus delicti, 1993
talheres e corda de poliuretano
18,1 x 317,8 x 40,6 cm

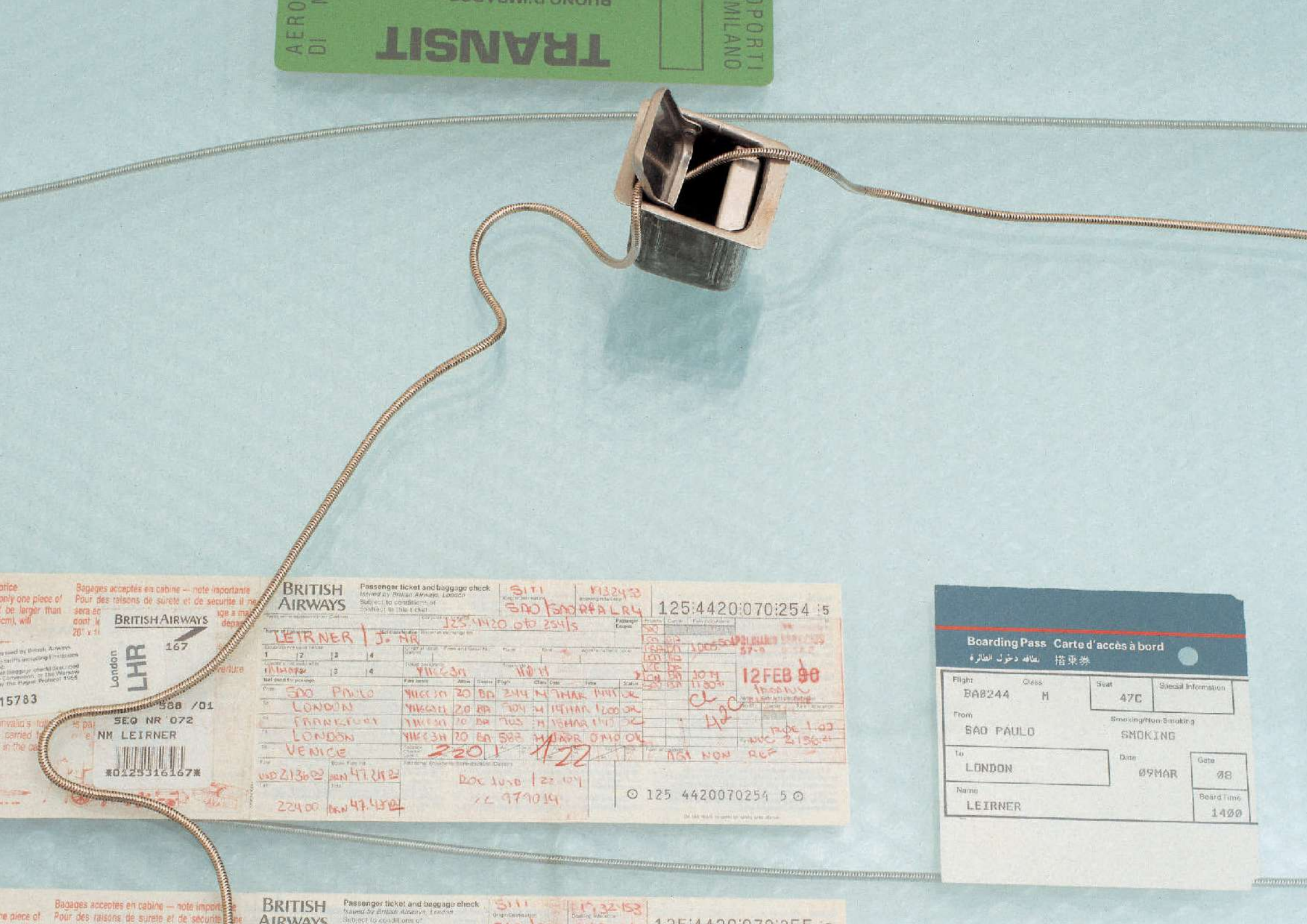


Corpus delicti, 1993
travesseiros
dimensões variáveis



Corpus Delicti, 1992
cinzeiros, cartões de embarque, passagens aéreas, corrente, vidro, plástico-bolha
20 x 70 x 300 cm [cada elemento]
vista da exposição Documenta 9, Kassel, 1992
foto: Dirk Pawels

→
detalhe da obra


TRANSIT
AEROPORTI DI MILANO
BRITISH AIRWAYS
London LHR
167
15783
SEQ NR 072
NM LEIRNER
0125316167
BRITISH AIRWAYS
Passenger ticket and baggage check
LEIRNER / J. MR
SAO PAULO
LONDON
FRANKFURT
LONDON
VENICE
12FEB 90
125 4420070254 5
Boarding Pass Carte d'accès à bord
Flight BA0244
Class M
Seat 47C
Special Information
From SAO PAULO
Smoking/Non-Smoking SMOKING
To LONDON
Date 09MAR
Gate 08
Name LEIRNER
Board Time 1400



Corpus Delicti
obra na exposição
Institutional Ghost, 2017
IMMA – Irish Museum of
Modern Art, Dublin, Irlanda



Corpus Delicti (Radical), 2022
maletas, correntes e adesivos
42 x 150 x 46 cm



vista da instalação na exposição
Corpus Delicti and Other Lines, 2019
Galleria Franco Noero, Turim, Itália



Jac Leirner,
Corpus delicti (United), 1985-2018
aço e nylon
113 x 19 x 5 cm



junkie

A adição aparece em diversos momentos da trajetória de Leirner. A artista incorporou ao seu corpo de obras papéis e pontas de cigarro, as embalagens destes papéis, assim como lapidou e fotografou pequenas pedras de cocaína. Nos trabalhos, substâncias ilícitas e seus vestígios são deslocados do campo da experiência pessoal para estruturas rigorosamente organizadas.

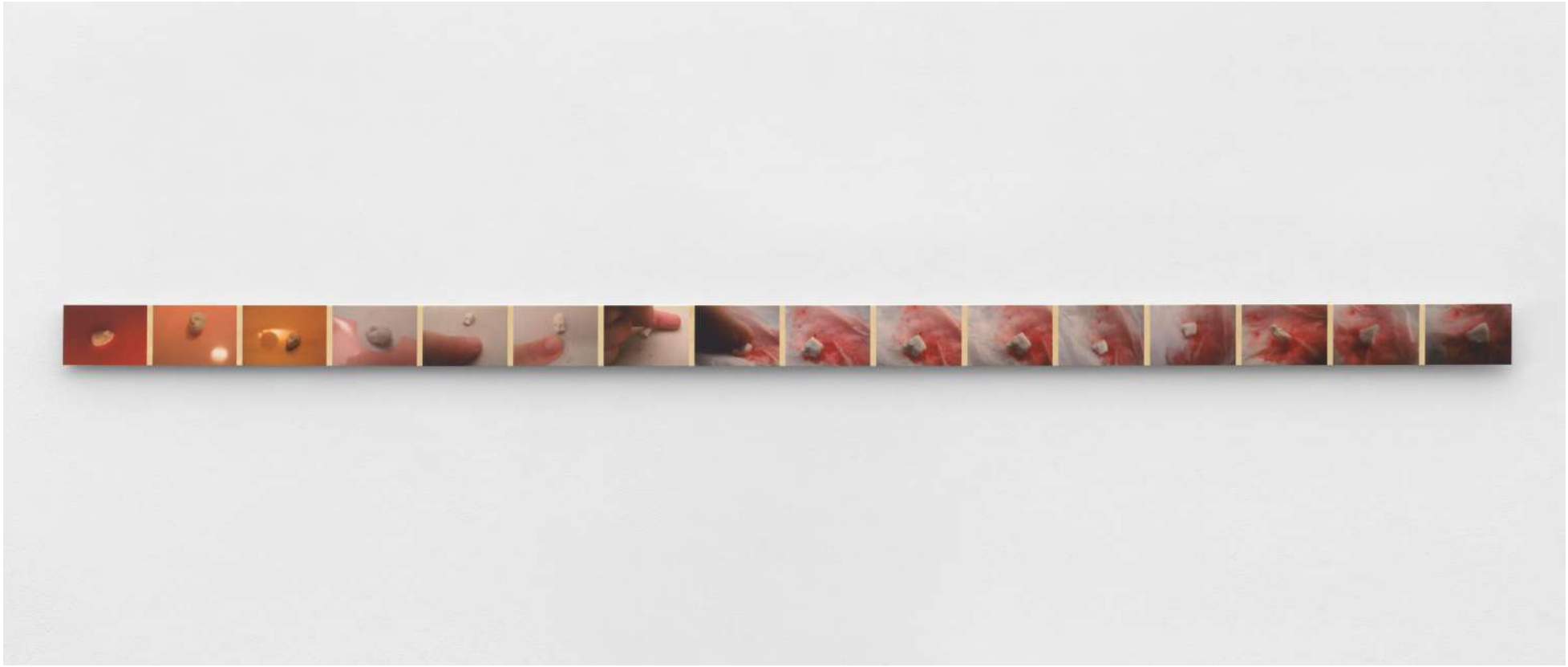
Das pequenas esculturas de cocaína, que desaparecem à medida que são consumidas, aos desenhos espaciais produzidos pelas pontas de cigarros de maconha, as obras fazem coexistir duração e desgaste, permanência e desaparecimento.



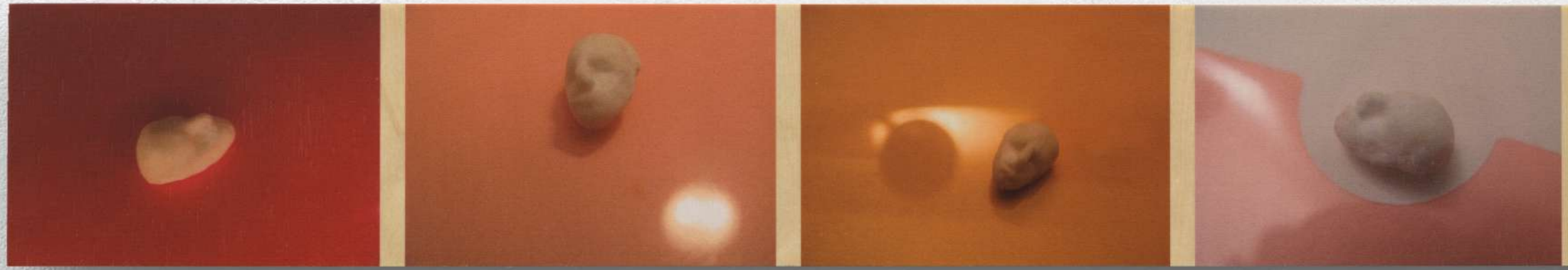
Jac Leirner,
High 'n' Low, 2016-2018
cabo de aço, papel, tensionadores
e níveis de precisão
dimensoes variáveis



High ‘n’ Low, 2016-2018
cabo de aço, papel,
tensionadores e níveis de precisão
dimensoes variáveis
(instalação da foto:
2 partes de 665 cm)



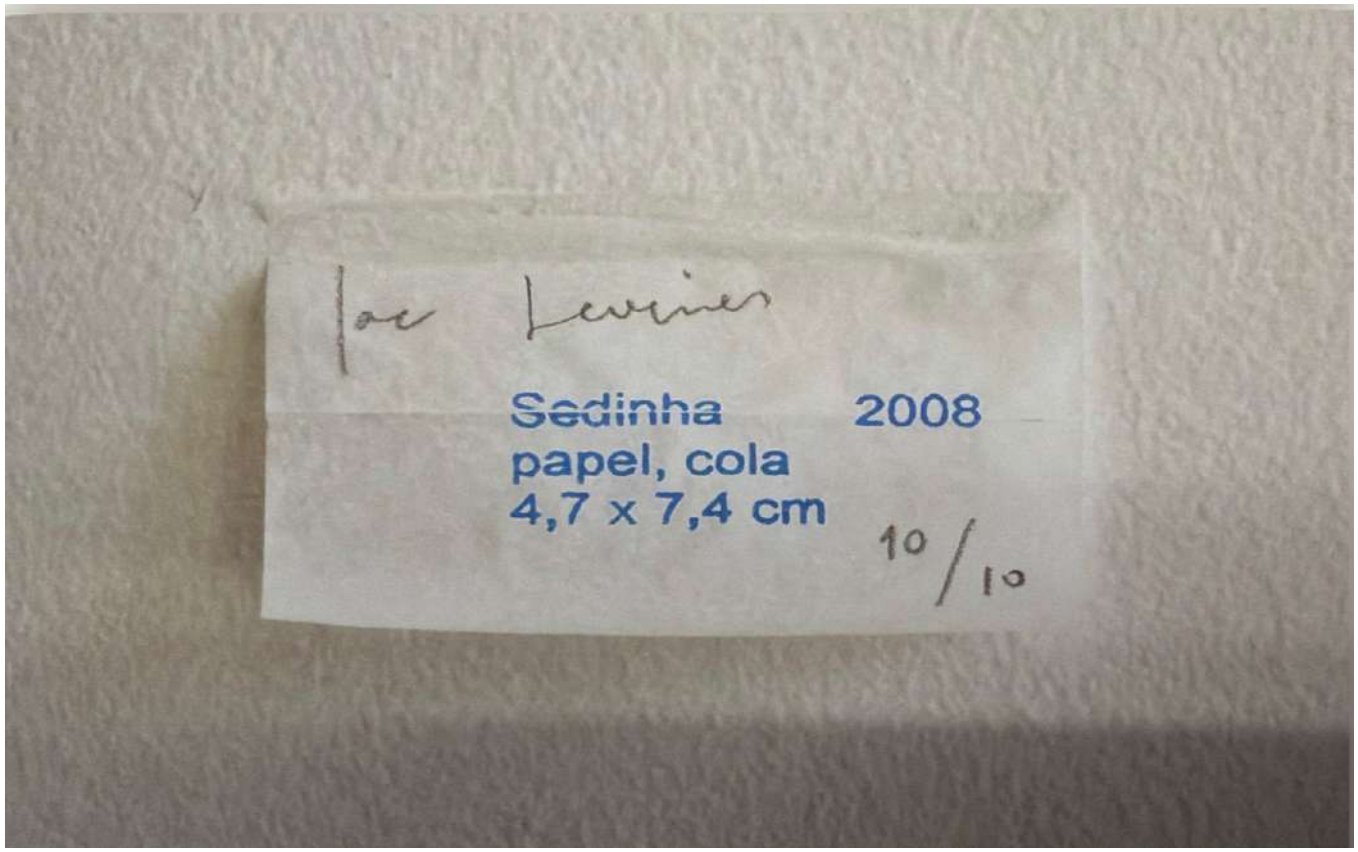
Jac Leirner,
Fuck, 2016
impressão UV sobre
compensado de madeira
10,6 x 251,6 x 2 cm



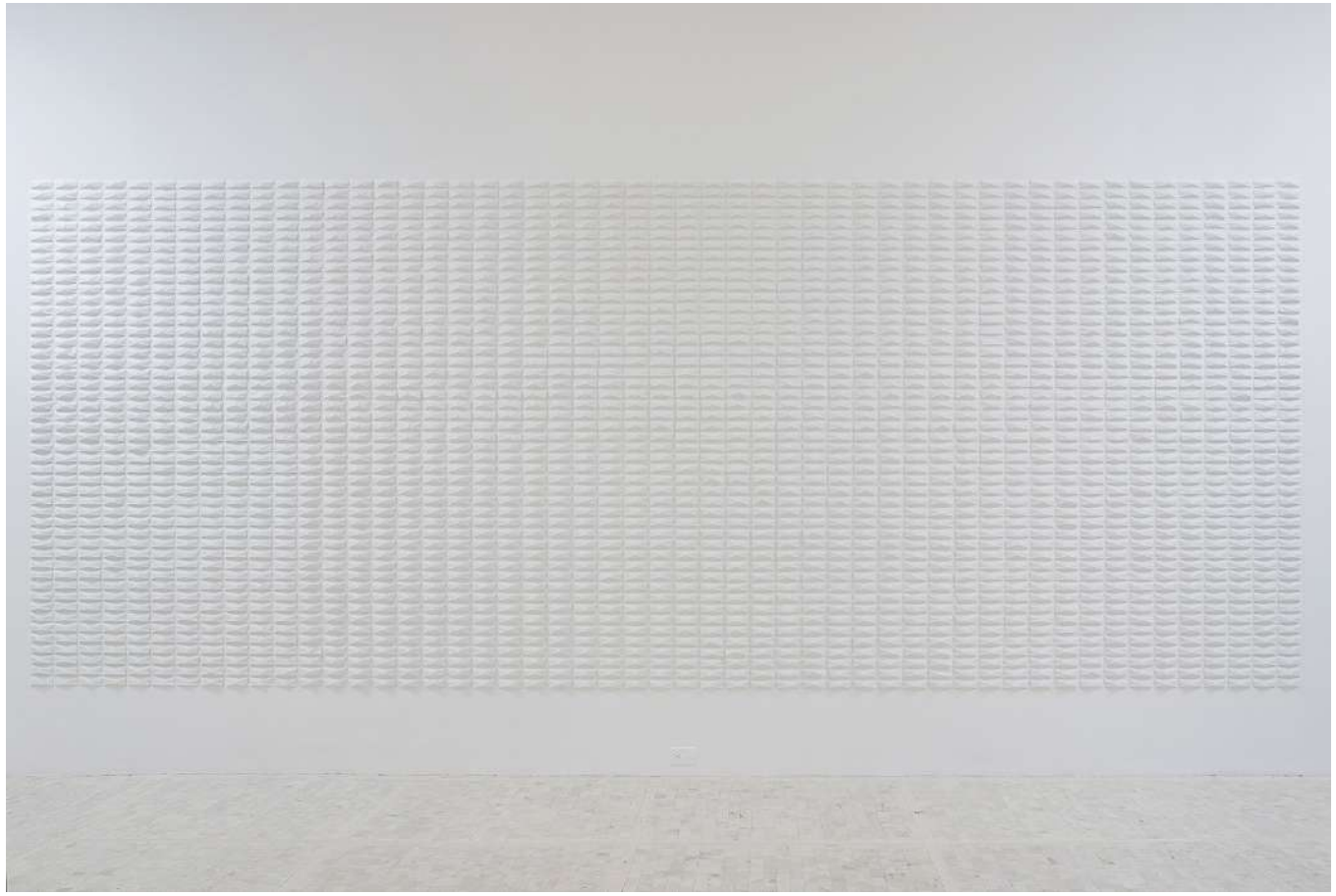


vista da exposição *Adição*, 2018
galeria Fortes D'Aloia & Gabriel

Em *Sedinha*, Jac Leirner utiliza papel de seda de enrolar cigarros para produzir uma gravura que reproduz sua própria ficha técnica, com título, dimensões e técnica.



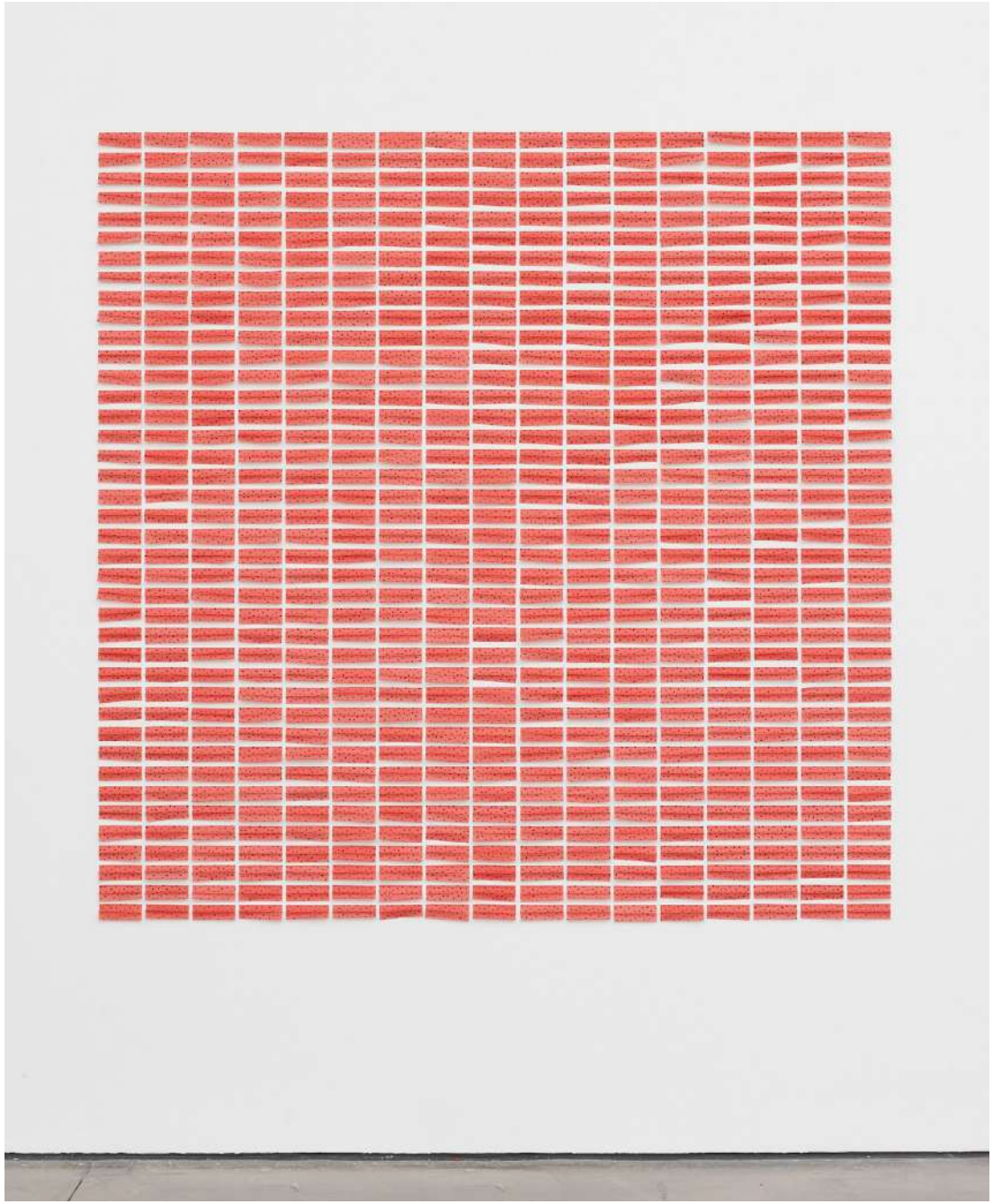
Sedinha, 2008
Papel de seda para enrolar cigarro, tinta, lápis e cola
4,7 x 7,4 cm



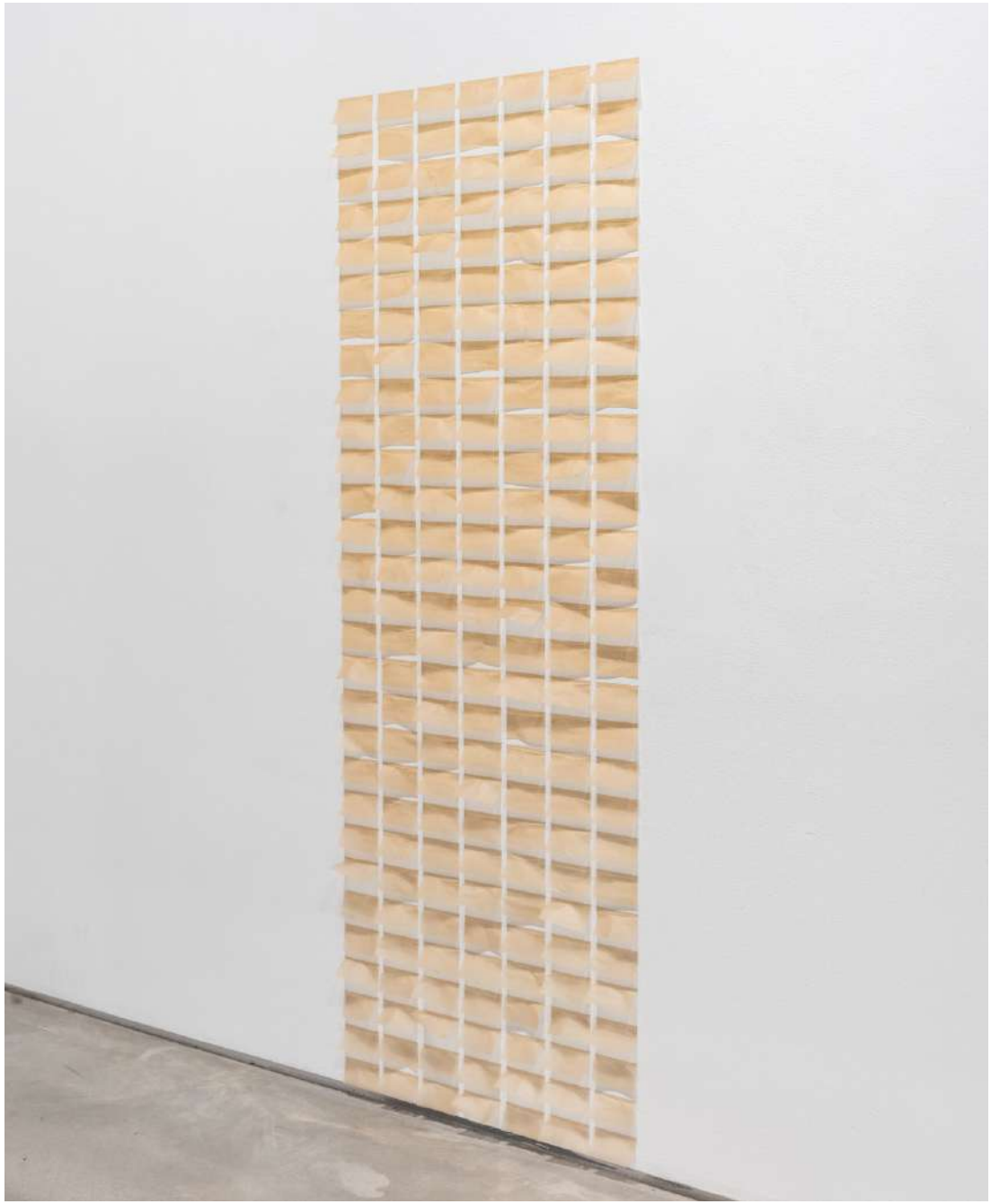
Já na série *Skin*, a artista retoma esse mesmo material e explora a sua multiplicidade espacial. Explorando a transparência, a delicadeza e a precariedade desses materiais extremamente finos, Leirner trabalha com a serialidade associada ao objeto de consumo ao mesmo tempo em que remete à tradição concreta e ao minimalismo por meio da grade que estrutura cada uma das folhas coloridas sobre a parede.

vista da exposição
Functions of a Variable, 2014
Museo Tamayo, Cidade do México,
México

Organizadas em composições repetitivas e sutis, as folhas translúcidas produzem superfícies quase etéreas, nas quais pequenas variações de dobra, sobreposição e luminosidade passam a estruturar o trabalho. Como observou o crítico Robert Storr, Leirner converte “as coisas em comentário, os objetos em conteúdo, a matéria em ideia”, fazendo com que artigos mínimos do cotidiano adquiram densidade formal e poética.

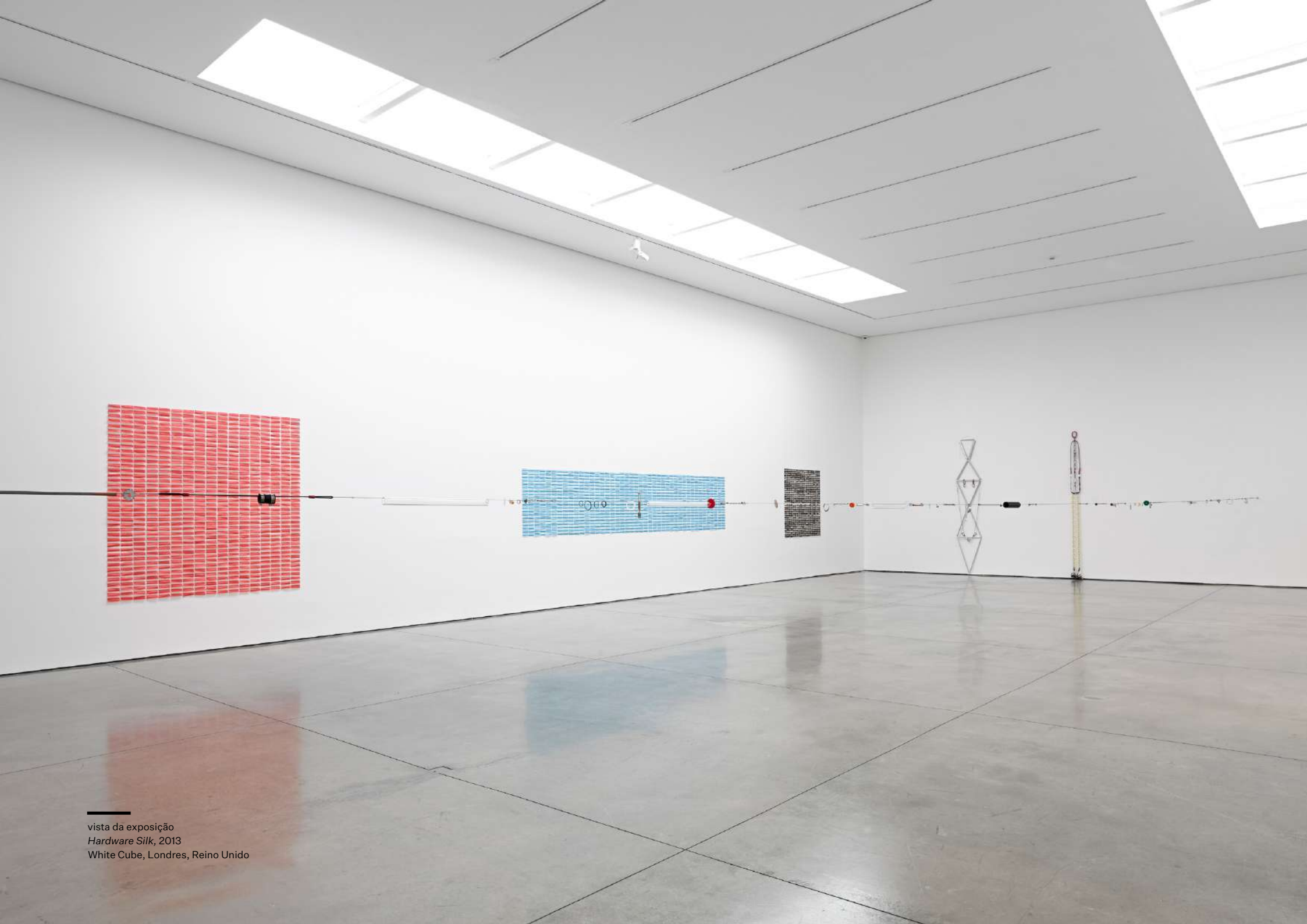


Jac Leirner,
Skin (Juicy Jay’s Watermelon King Size Slim), 2013
Cigarette rolling papers (680 units)
200 x 200 x 1,5 cm



Skin selfie (Smoking brown), 2019
203 folhas de papel seda
para cigarro
160 x 60,5 cm





vista da exposição
Hardware Silk, 2013
White Cube, Londres, Reino Unido



foi um prazer

A série *Foi um Prazer* (*Nice to Meet You*), iniciada em meados dos anos 1980, reúne cartões de visita acumulados pela artista ao longo de sua inserção no circuito internacional da arte. Organizados segundo critérios formais, como tipografia, cor, tamanho, posição e desenho gráfico, os cartões são alinhados em estruturas horizontais ou cruzadas, prensados entre placas de acrílico, transformando pequenos impressos utilitários em peças escultóricas. A série representou o Brasil na Bienal de Veneza de 1997, momento em que os próprios profissionais da arte reconheciam seus nomes e contatos incorporados à obra, evidenciando a dimensão simultaneamente íntima e pública do trabalho.

Nice to meet you, 1997
acrílico, cartões de visita, metal
dimensões variáveis



Foi um prazer, vista no Pavilhão do Brasil, na 47ª Bienal de Veneza, 1997

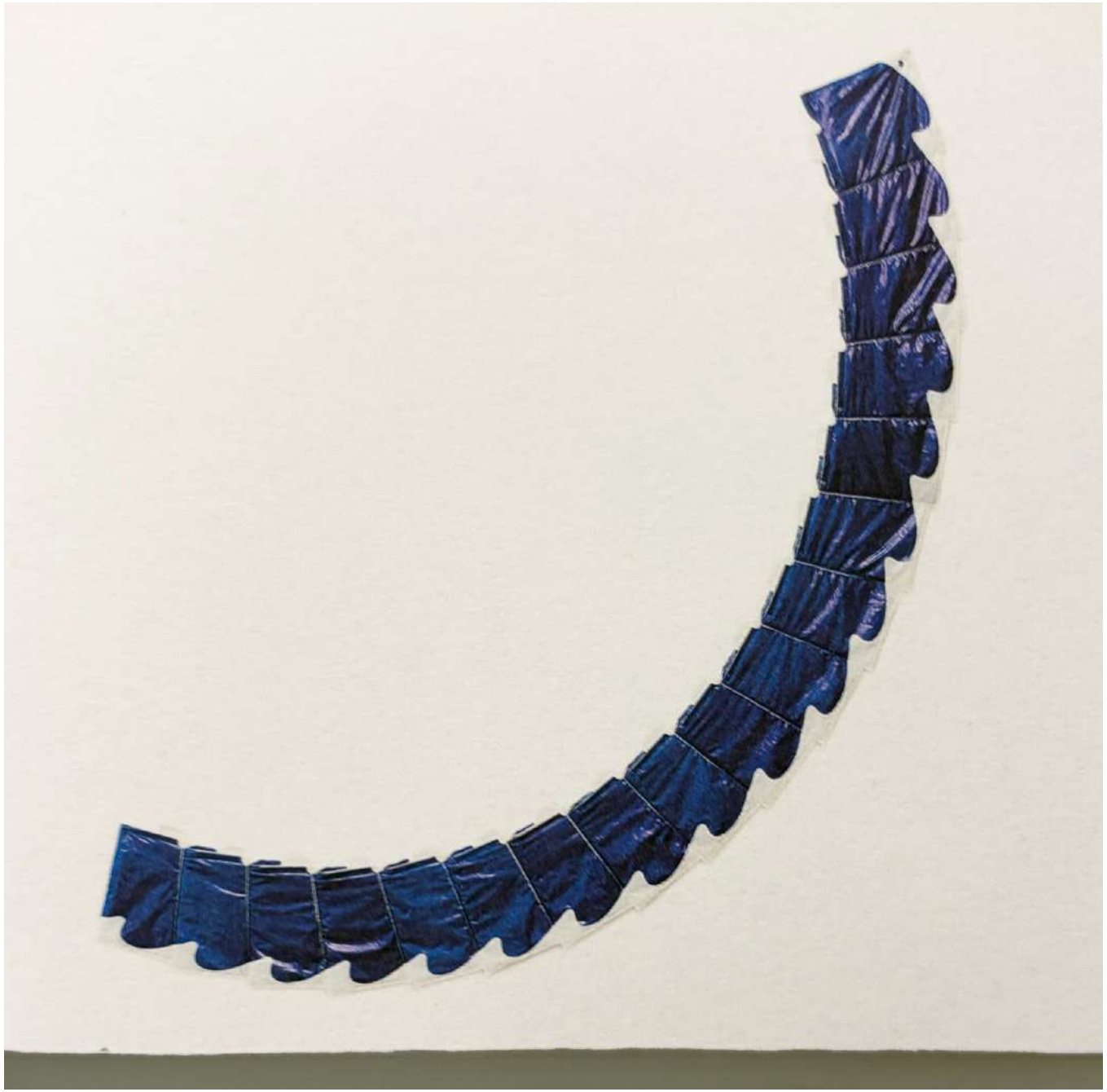


O crítico norte-americano Robert Storr descreveu Jac Leirner como uma "situacionista autodidata", destacando a maneira como suas obras revelam os fluxos dos sistemas contemporâneos de circulação. Em *Foi um Prazer* (Nice to Meet You), o acúmulo de cartões de visita faz emergir uma espécie de cartografia relacional e burocrática do mundo da arte no final do século XX, em que redes profissionais, design gráfico e identidade institucional tornam-se simultaneamente imagem, arquivo e escultura.

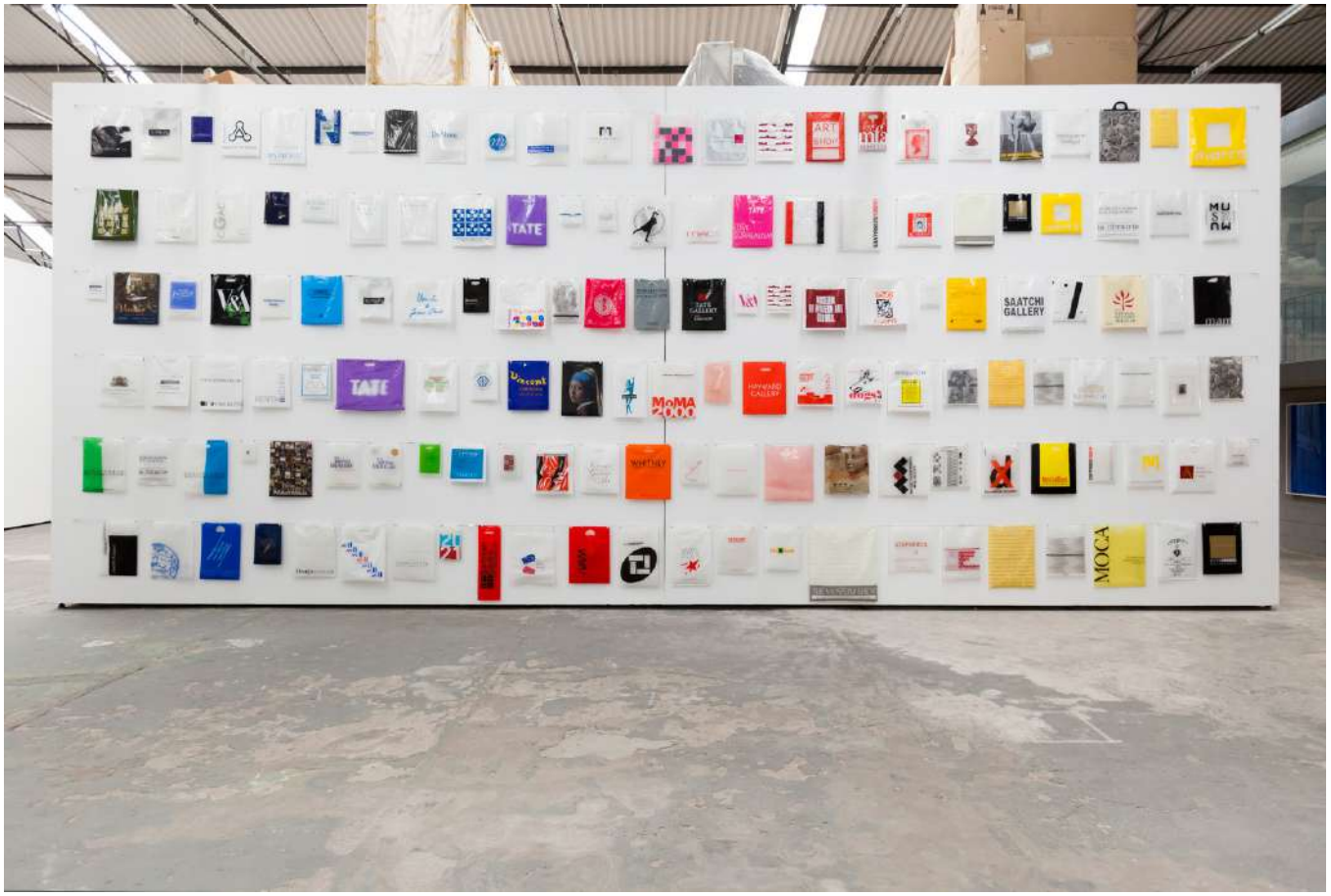
detalhe da instalação
Foi um prazer, vista no
Pavilhão do Brasil, na 47ª
Bienal de Veneza, 1997

nomes, sacolas e void

As séries *Nomes* (Names), *Museum Bags*, e *Void* são parte de um conjunto de trabalhos em que Jac Leirner utiliza sacolas plásticas, embalagens e invólucros ligados ao circuito do consumo e das instituições de arte. Iniciada nos anos 1980, a série Nomes reúne centenas de sacolas de lojas, livrarias, museus e marcas comerciais costuradas em entretela, formando grandes superfícies e instalações.



Azuis (Blue Ones), 1990
sacolas de plástico
e espuma de poliéster
150 x 420 cm



Em *Museum Bags* (Names [Museums]), a artista concentra-se especificamente em sacolas de museus e instituições culturais, utilizando-as como índices materiais dos processos de circulação, valor e legitimação que estruturam o sistema artístico. Deformadas pelo peso dos objetos valiosos que transportam, essas sacolas deixam os museus como suportes funcionais e, ao serem preservadas do descarte, retornam ao espaço expositivo transformadas em obras de arte.

144 Bolsas Museu, 1985-2006
sacolas plásticas, tensores, cabos de aço e clipes para encadernação, dimensões variáveis
© foto: Eduardo Ortega

→
detalhe da obra


ART SHOP
mfa BOSTON
Staatsgalerie Stuttgart
TATE
TATE LOVE SURREALISM
MUSEUSERRALVES
ROYAL ACADEMY ARTS
marca
musée d'art moderne de la ville de Paris
la librairie
GUGGENHEIM
TATE GALLERY LONDON
MUSEUM OF MODERN ART OXFORD
DAVO ALBUMS
SAATCHI GALLERY
THE NATURAL HISTORY MUSEUM
Vincent
MoMA 2000
HAYWARD GALLERY
SENSATION
WHITNEY
LILJEVALCHS
MUSEUMBOOKS
ATAPUERCA
THE MUSEUM SHOP

Já na série *Void*, apresentada em 2008, Leirner radicaliza o processo de esvaziamento e abstração desses materiais. Nas obras, a artista remove logotipos, palavras e áreas impressas das sacolas, deixando apenas vazios geométricos e estruturas residuais que oscilam entre desenho, pintura e escultura.



Void fifteen [Vazio quinze], 2008
acrílico, manta de poliéster
e sacola plástica
58 x 29 x 4 cm

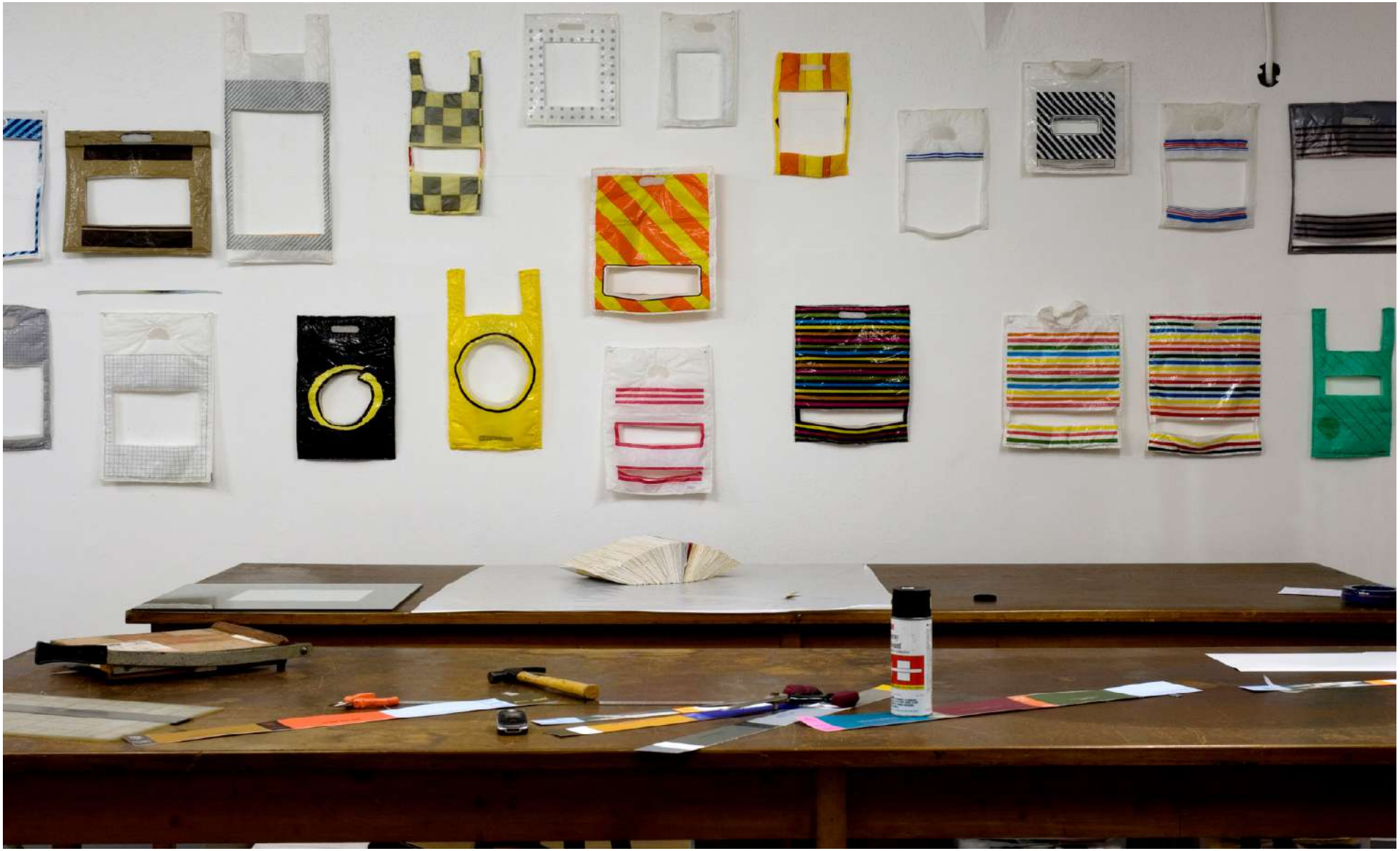


A sacola plástica aparece reduzida a uma espécie de “esqueleto”, preservando apenas sua estrutura mínima de sustentação. Ao eliminar qualquer informação gráficas e identidade comercial, a artista reflete sobre estrutura, recorte e vazio, questões ligadas também à abstração geométrica.

Osso 52, 2008
saco plástico, cobertor
de poliéster e plexiglass
35 x 35 x 4 cm



Osso (void 26), 2008
sacos plásticos, espuma
de poliuretano e plexiglass
66 x 45 x 4 cm
Cortesia da Fundação Cisneros



vista da exposição *Osso 008*, 2008
Centro Universitário Maria Antonia,
São Paulo, Brasil



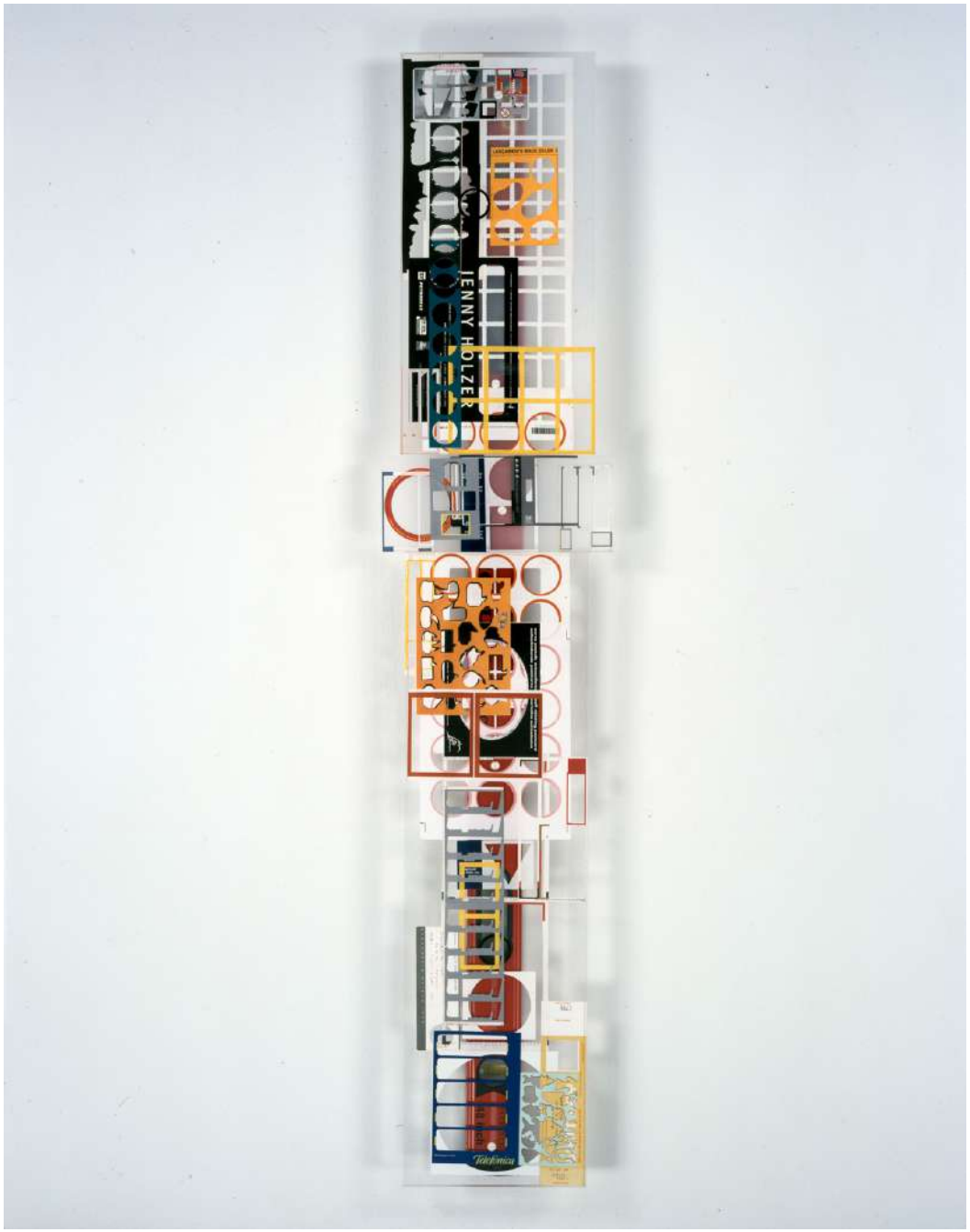
adesivos (1990-presente)

A série *Adesivos*, desenvolvida a partir do fim dos anos 1990, reúne etiquetas, selos e adesivos recolhidos ao longo de décadas em museus, galerias, aeroportos, revistas e embalagens. Organizados segundo critérios cromáticos, gráficos e tipológicos, esse material é aplicado sobre placas de vidro translúcidas, que são suportes para construções lineares e modulares. . Relações de repetição, variação e ritmo visual aproximam procedimentos de catalogação de questões associadas à pintura abstrata.

Adesivo 18 (yellow), 2001
adesivo, nível de construção, acrílico
40 x 188.5 x 3.8 cm



Adesivo 9
(voo vezes dois), 2000
adesivos, vidro e ferro
87 x 134 x 18 cm



Adhesive 17 (Giacometti), 2001
adesivo e acrílico
124.5 x 25 x 3.8 cm



vista da exposição *Jac Leirner*,
Estação Pinacoteca, 2011
São Paulo, Brasil

little light

Na série *Little Light*, iniciada nos anos 2000, quilometros de fios de cobre percorrem paredes e espaços expositivos em trajetórias que conectam pequenas lâmpadas acesas em diferentes pontos do ambiente. Utilizando materiais associados a circuitos elétricos, como fios, conectores, tomadas e lâmpadas, a artista transforma sistemas de condução e transmissão de energia em desenhos espaciais. Os cabos se estendem pelo espaço como linhas contínuas que conduzem o olhar do espectador até o instante luminoso em que a corrente elétrica se manifesta, fazendo com que a própria circulação de energia se torne matéria escultórica.



Little Light, 2005
vista da instalação no Museu
de Arte Contemporânea (MOCA),
Los Angeles, EUA



Little Lights, 2005
vista da instalação de 4 trabalhos
na galeria Esther Schipper
foto © André Morin



Segundo Leirner, a obra é a sua única peça com ressonância metafórica, relacionando-a à ideia de percurso e iluminação.
“Percorremos caminhos muito longos até chegar a lugares importantes. Passamos por períodos difíceis até ver alguma luz no fim do túnel”, conta. Por outro lado, Leirner também afirma que a série igualmente se aproxima do minimalismo, mencionando o campo de cor e a redução da representação como elementos centrais da obra.

Little Light 5, 2013
Soquete, fio de cobre,
lâmpada e parafusos
180 x 180 cm





hip hop (1997-presente)

A obra *Hip-Hop*, iniciada em 1997, surgiu a partir de fitas adesivas de diferentes larguras, origens e tonalidades. A artista constrói longas linhas horizontais que atravessam paredes, portas, quinas e janelas, criando um campo contínuo de cor e ritmo visual.

Hip hop, 2001
instalação com fitas adesivas
dimensões variáveis
Centro Universitário Maria Antônia,
São Paulo, 2001

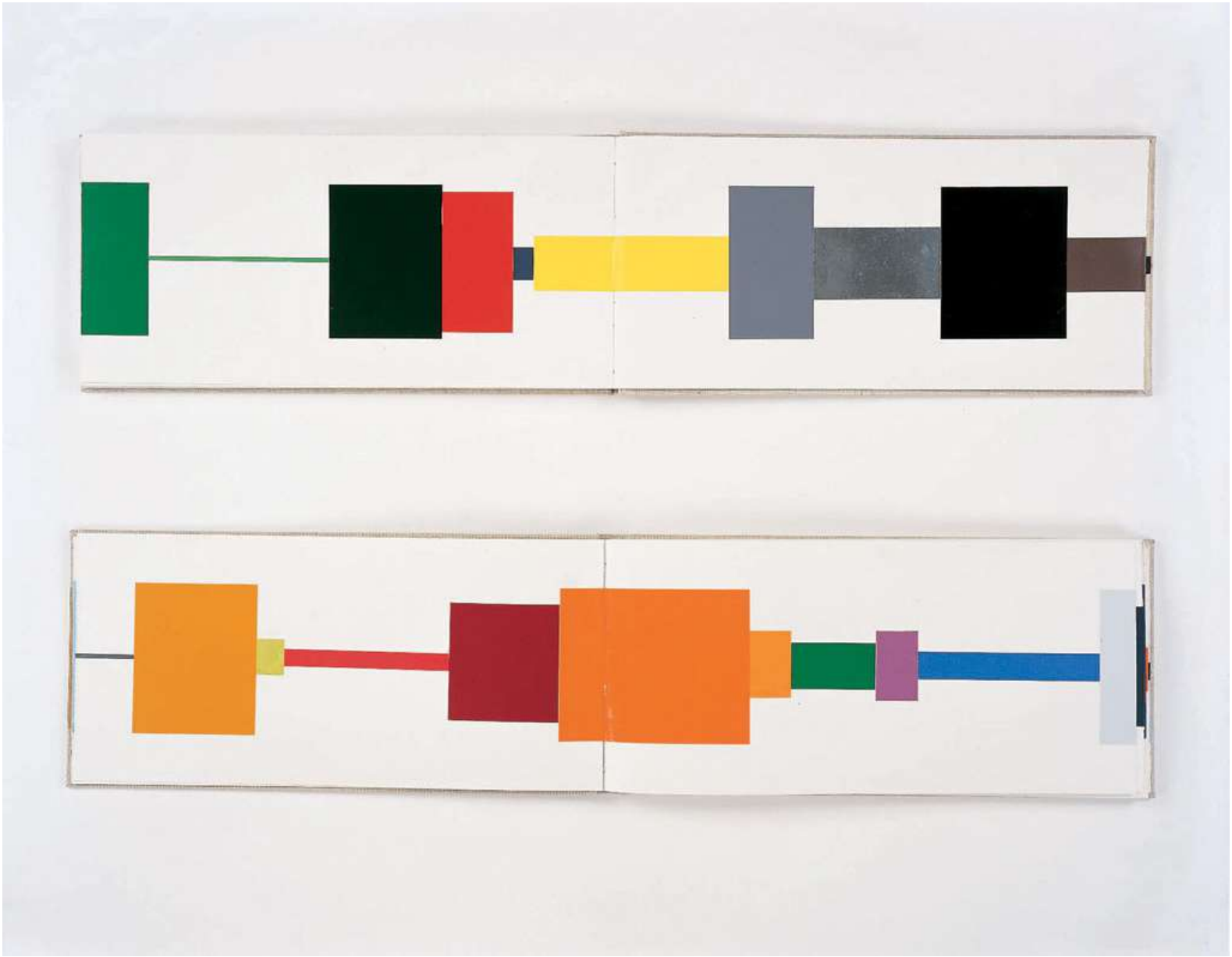
O crítico de arte venezuelano Ariel Jiménez relacionou *Hip-Hop* à pintura Broadway Boogie Woogie, de Mondrian, destacando a “cadência e ritmo” produzidos pelas variações de cor e largura das fitas adesivas. Em outro trecho, o crítico observa que a obra não busca uma ordem geométrica estável, mas “uma ordem fortuita, conjuntural”, resultante das diferenças de largura, textura e tonalidade entre as fitas utilizadas por Leirner.



exposição *Jac Leirner*, na Sala Mendoza, em Caracas, 1998



Hip Hop, 1998/2025
fita adesiva na parede
dimensões variaveis
galeria Esther Schipper



Hip Hop book, 1999-2000
cadernos com fitas adesivas
18,5 x 76 cm (abertos)
Col. The Bohen Foundation



pesos e medidas

Réguas, níveis e outras ferramentas aparecem em diferentes momentos da produção de Jac Leirner como objetos já carregados de uma lógica de cálculo, alinhamento e precisão. Ao organizá-los em sequências, linhas e estruturas suspensas, a artista apresenta os sistemas de alinhamento, cálculo e proporção já inscritos nesses objetos, convertendo instrumentos de medição em elementos de construção pictórica e espacial.

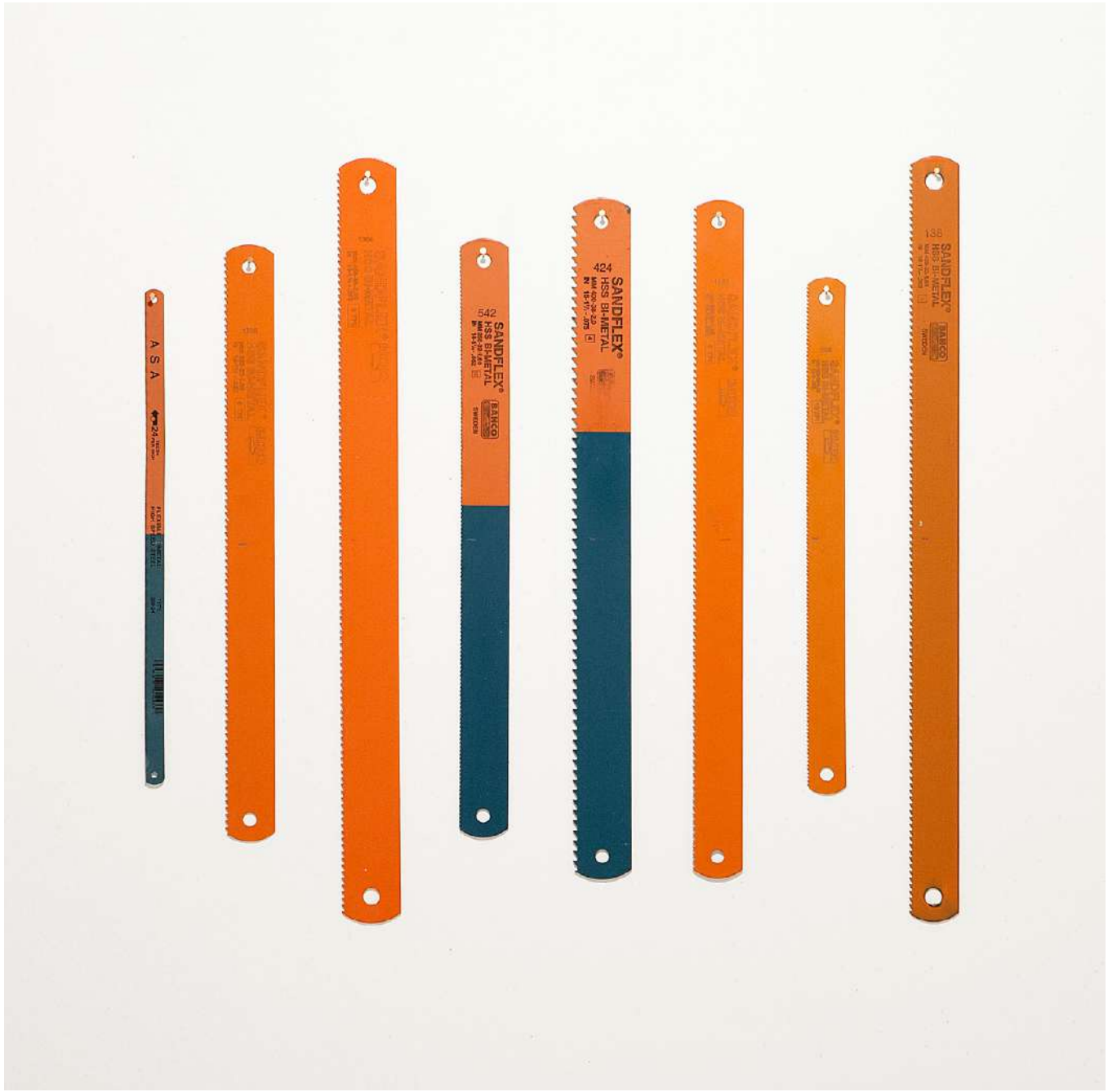
Na série, réguas e níveis deixam de servir à organização do espaço expositivo para tornar-se a própria obra. O que habitualmente permanece nos bastidores da montagem assume o protagonismo, tornando visíveis os dispositivos que estruturam a construção e a percepção do espaço expositivo.

Dezessete Réguas, 2020
plástico, metal e madeira
foto: Edouard Fraipont



Verde rosa, 2020
33 réguas de plástico
32 x 190,5 cm

→
detalhe da obra



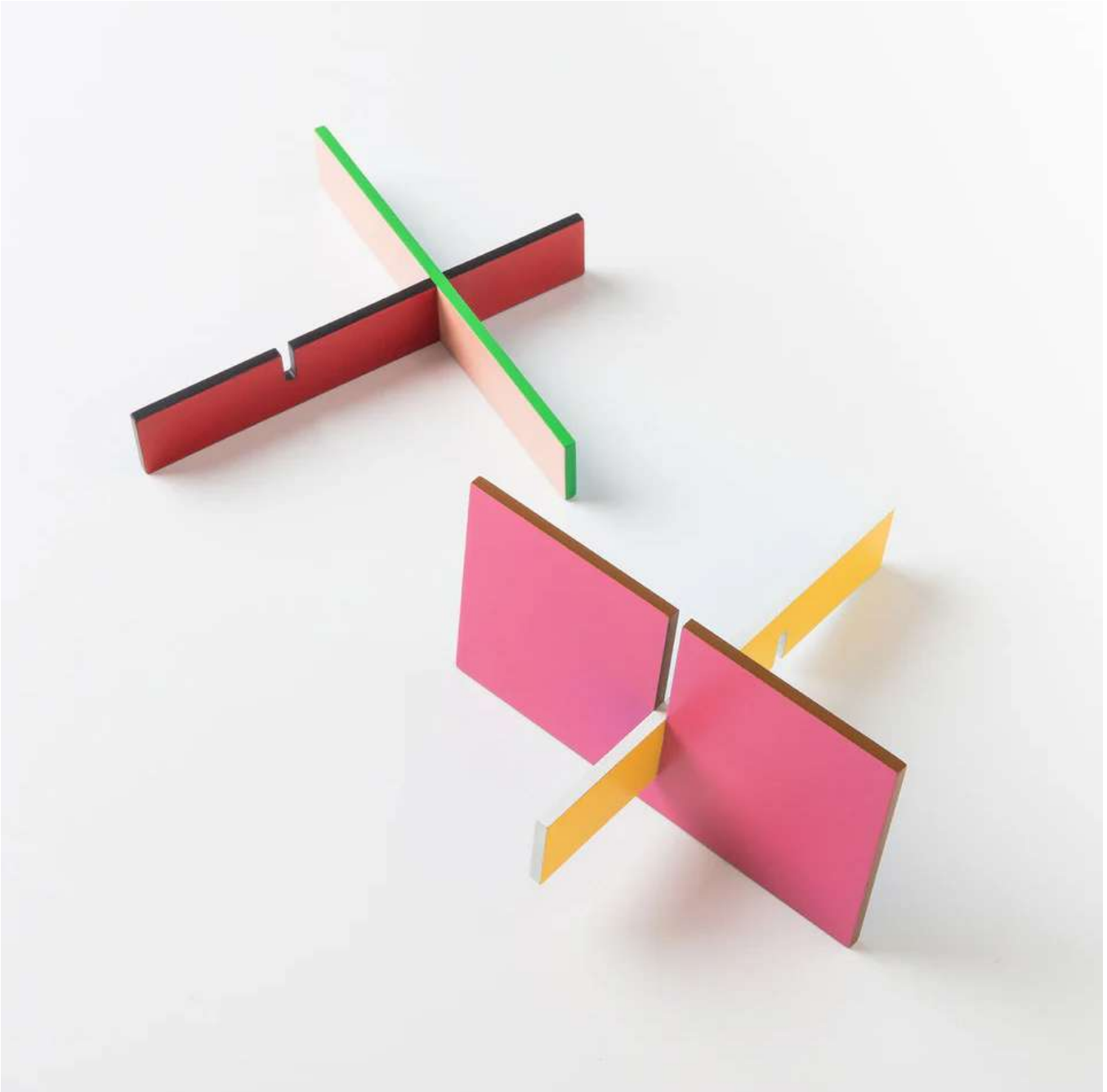
Richard, 2014
aço
48 x 51,5 cm



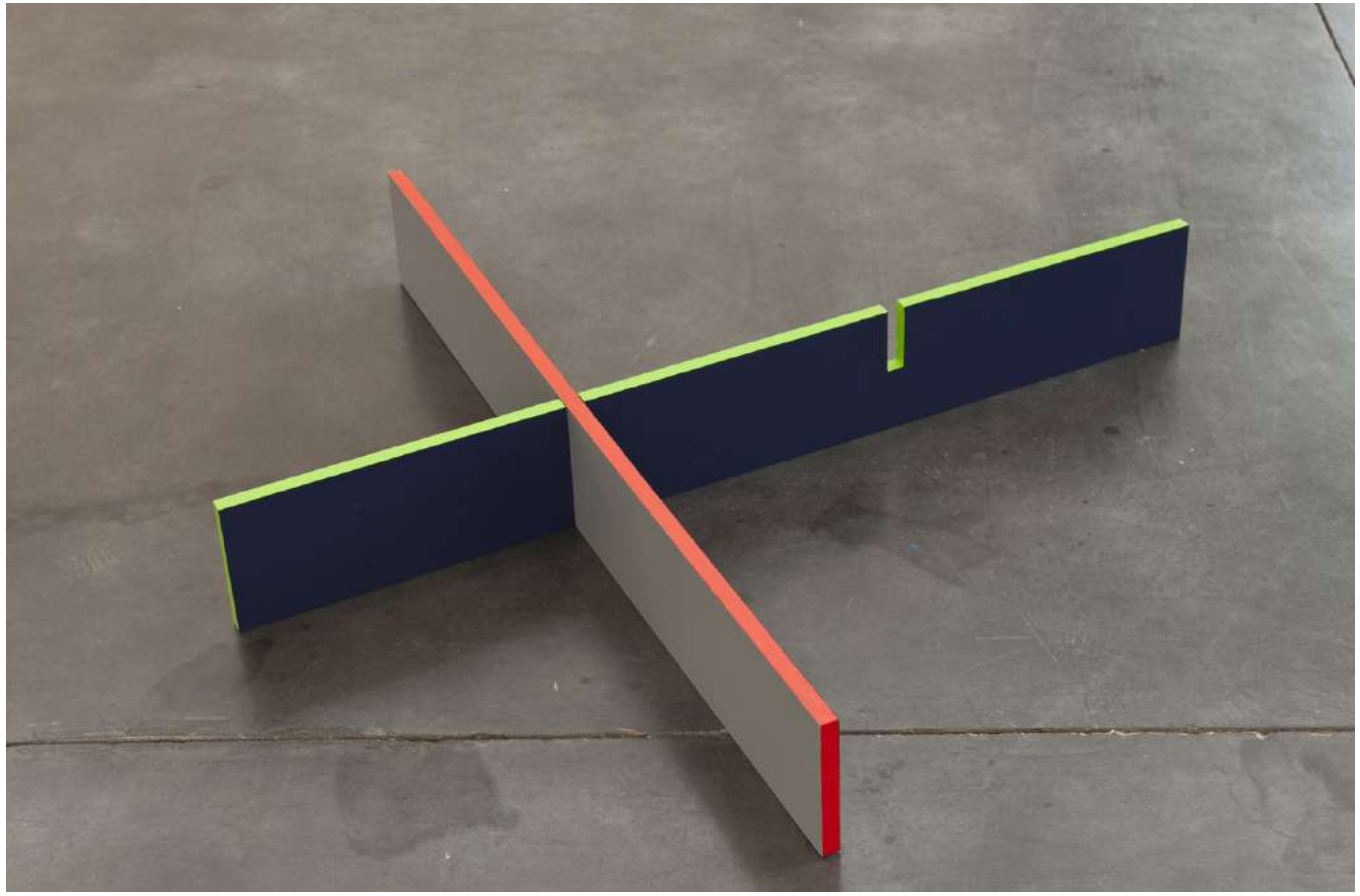
vista da instalação
no Sesc 24 de Maio,
São Paulo

outras formas

Embora grande parte da produção de Jac Leirner se organize em séries contínuas, algumas obras isoladas ou conjuntos menos sistemáticos evidenciam a amplitude de seus procedimentos e materiais. Trabalhos como *Quilômetro Amarrado*, *Aquarela para Sandra*, *Crossing Colors*, *Composição com Corrente*, *Hardware Silk* e os diferentes Cartoons articulam interesses recorrentes da artista, como repetição, deslocamento de função, cor e circulação.



Crossing Colors, 2012
madeira e pintura

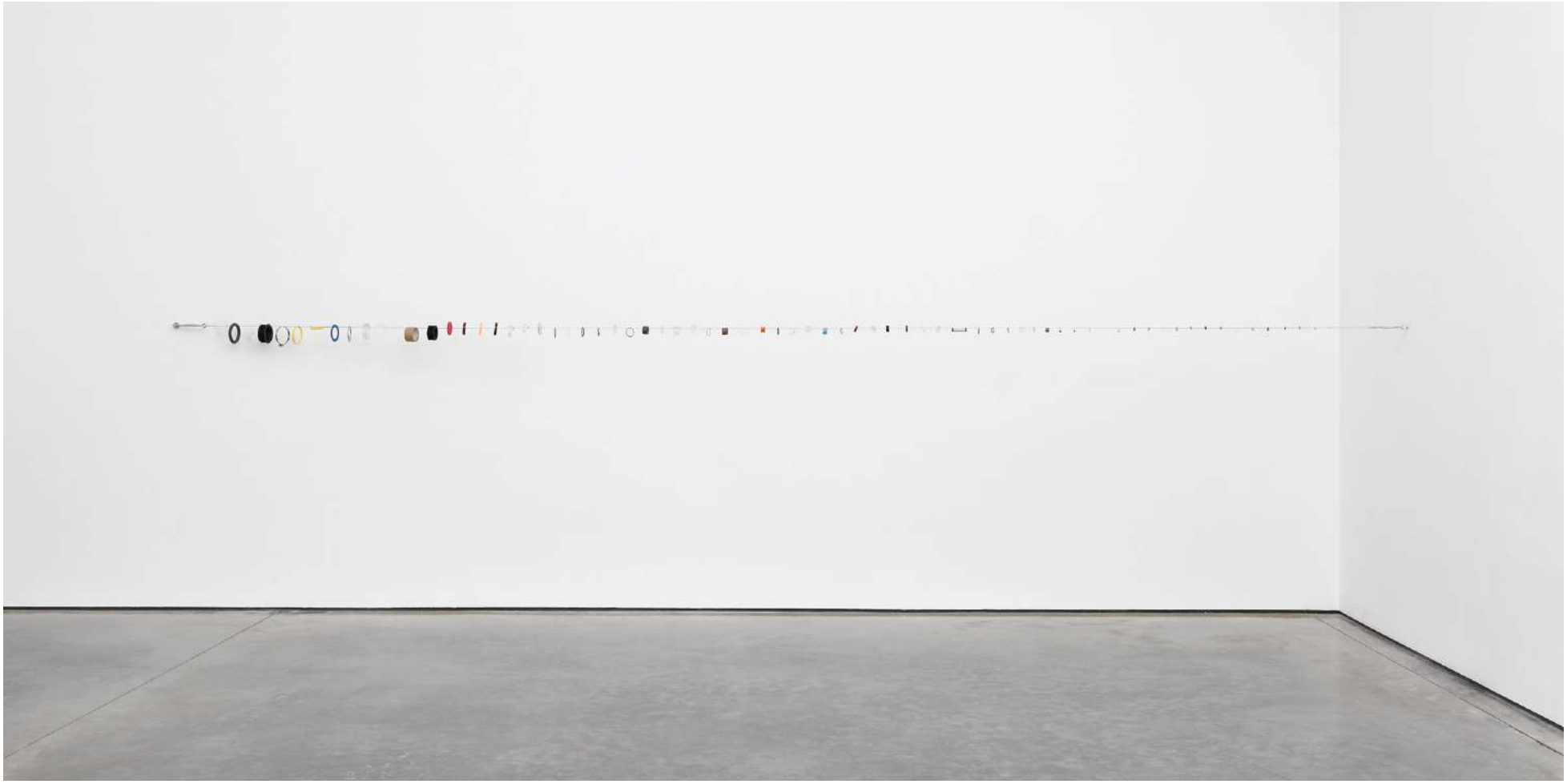


Em *Crossing Colors*, a cor aparece como estrutura construída a partir de pintura sobre madeira em cruzamentos espaciais.

Em trabalhos com correntes, cabos e contornos metálicos, como em *Hardware Silk*, *Aquarela para Sandra* e *Cartoons*, a linha adquire presença física, desenhando percursos e tensões no espaço ou em torno de si mesma.

Crossing Colors, 2012
madeira e pintura

Exhibition #6, 1992
etiquetas em papel, cartão
28 x 28 cm



Hardware Silk 4, 2013
técnica mista
7 x 700 cm



Aquarela para Sandra, 2014
lã e aço
duas peças
170 x 326 x 4 cm



Quilômetro amarrado, 2004
fitas e cordas
dimensões variáveis



Punk Ostentazione, 2019
fita



Ie Cartoon com cílios, 2012
metal
77 x 8 x 9 cm
foto: Eduardo Ortega



Cartoon 2, 2012
técnica mista
122 x 37 x 9
foto: Eduardo Ortega



Jac Leirner,
Em família, 2021
papel montado em alumínio
2 partes de 135 x 40 cm
e 134 x 38 cm



Em outras obras de pequena escala, materiais variados assumem contornos antropomórficos. Situadas ao alcance da mão, essas figuras parecem surgir de um impulso lúdico aberto às mais diversas interpretações

Noiva, 2020
tecido, plástico e metal
15,5 x 47,5 x 68 cm

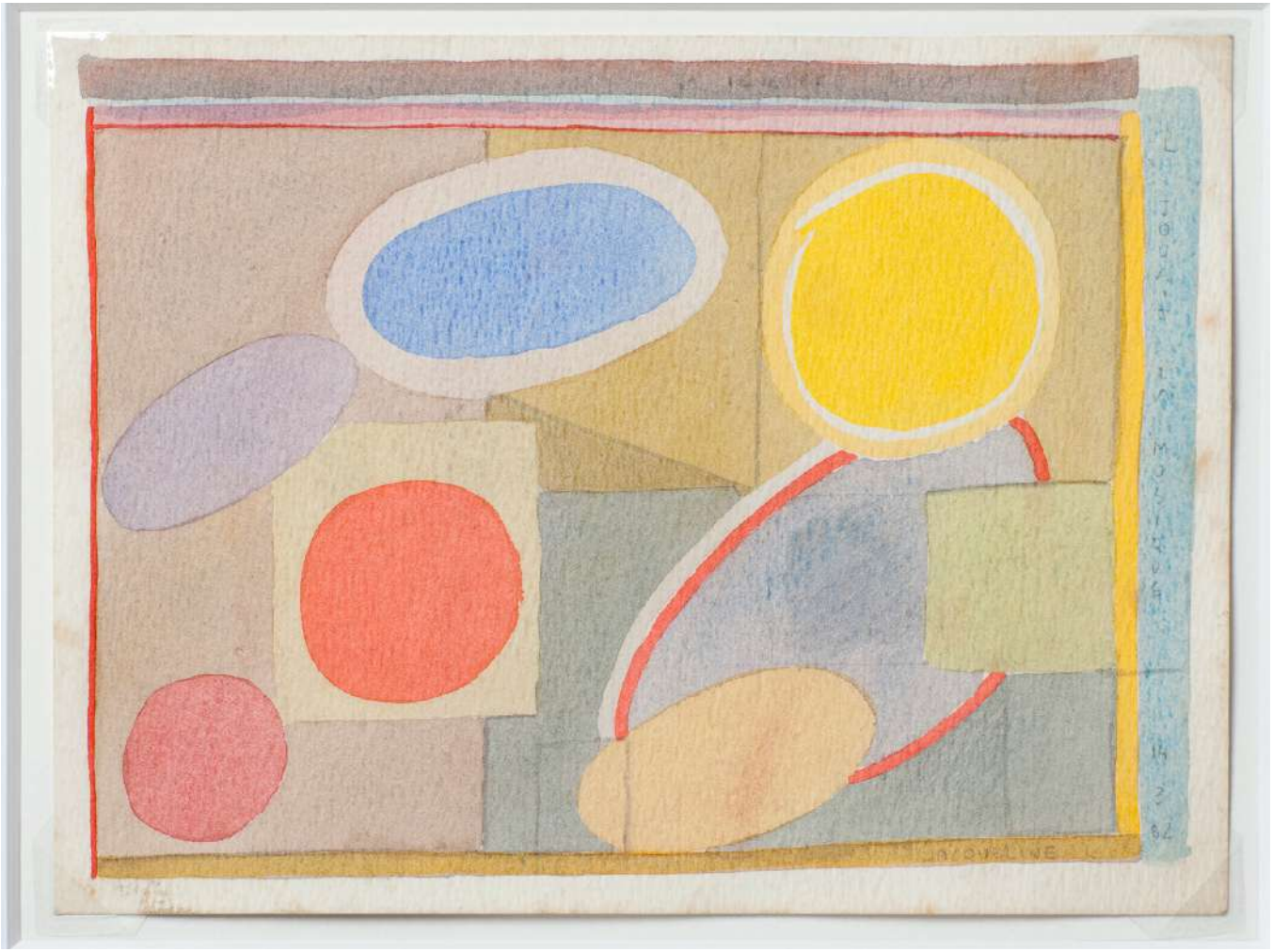


Robot, 2021
papel e cola
11,5 x 11,5 x 11 cm

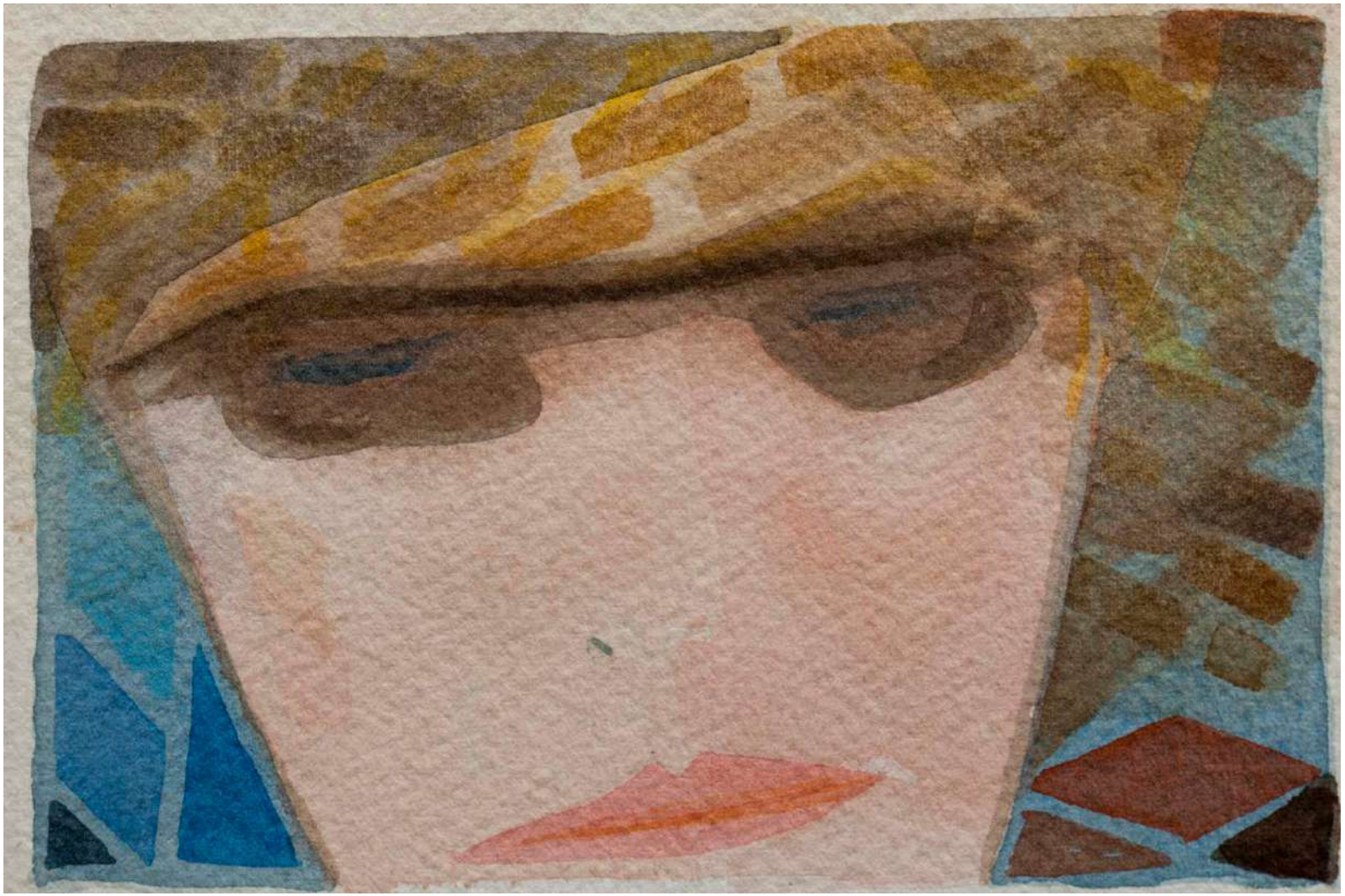


rrrrrrr (primitit ti), 2021
papel, plástico e alumínio
52 x 24 cm

Nas aquarelas desenvolvidas desde os anos 1970, a cor se dá em operações cromáticas e espaciais, que dialogam com questões desenvolvidas em sua produção escultórica, ao mesmo tempo que propõem uma investigação específica sobre a cor. Por meio de degradês sutis e formas que conferem estrutura ao fluxo imprevisível da aquarela, a artista explora as tensões entre controle e acaso, construção e fluidez.



Linkiamo, 1982
aquarela sobre papel
16 x 21.5 cm



Jac Leirner
Marcel, 2010
aquarela sobre
papel de algodão
10 x 15 cm

Já na série *Atletas*, iniciada nos anos 1980, a artista parte do universo esportivo para criar pinturas, livros e esculturas. É o caso dos contornos de aço derivados de fotografias de atletas, como nas obras *Carmelo Anthony*, *Henrik Lundqvist* e *Tonia Couch*, em que a artista transforma registros de jornais impressos em silhuetas vazadas, nas quais presença e ausência passam a coexistir.



Jac Leirner,
Carmelo Anthony, 2012
metal, plástico e papel
198 x 65 cm



Tonia Couch, 2012
metal, plástico e papel
142 x 80 cm

Saturday March 24 2012 | THE TIMES

IN THE FRAME

Great Britain's divers have been continuing their build-up to the Games by taking part in the Fina World Series second leg in Beijing • Victor Cobe, Tonia Couch, above, was seventh in the women's ten-metre platform



Giant, 2024
saco plástico
17,5 x 12 x 13 cm



Jac Leirner
Esfinge ao Vento, 2023
tinta acrílica e embalagens
32,5 x 110 x 31 cm



Bloody Red Silk, 2023
alumínio e seda
uma peça de 220 cm |
altura da instalação: 180 cm



Buddha's eyes, 2016
pincéis de caligrafia chinesa e
correntes de aço
2 partes de 53 x 158 (cada) |
instalação: 53 x 371 cm



vista da exposição *Jac Leirner: Borders are drawn by hand*, 2016
Museum of Contemporary Arts of Shangai, Xangai, China



Dark line, light line, 2018
Canetas e cabo de aço
Foto: Eduardo Ortega

nara roesler

são paulo
avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art
www.nararoesler.art